

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

SÔNIA MARIA RIBEIRO JACONI

**A APRESENTAÇÃO DA LITERATURA
NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO**

São Paulo

2005

SÔNIA MARIA RIBEIRO JACONI

**A APRESENTAÇÃO DA LITERATURA
NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada à
Universidade Presbiteriana Mackenzie,
como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Helena Bonito Pereira

São Paulo

2005

J17 Jaconi, Sônia Maria Ribeiro.

A apresentação da literatura nos livros didáticos do ensino médio / Sônia Maria Ribeiro Jaconi. – São Paulo, 2005.

116 f.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005.

Orientadora: Profa. Dra. Helena Bonito Pereira

1. Livros didáticos. 2. Ensino médio. 3. Literatura e educação. I. Título.

CDD 371.32

SÔNIA MARIA RIBEIRO JACONI

**A APRESENTAÇÃO DA LITERATURA
NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada à
Universidade Presbiteriana Mackenzie,
como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Letras.

Aprovada em dezembro de 2005.

BANCA EXAMINADORA

Autopsicografia

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Fernando Pessoa. *Cancioneiro*.

Dedico este trabalho aos meus queridos esposo e filho,
Adriano e Pedro, amigos generosos e compreensivos –
fonte de alegria e segurança em minha vida.

À minha mãe pelo amor e incentivo para lutar
sempre pelos meus objetivos.

À memória de meu avô, meu primeiro mestre.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar sempre meus caminhos na busca do conhecimento e pela graça de poder realizar este trabalho.

Ao meu marido e ao meu filho, pela paciência, estímulo e compreensão.

À Profa. Dra. Helena Bonito Couto Pereira, pela orientação eficaz e paciente, sempre com sugestões e observações valiosas para o desenvolvimento desta dissertação.

À Profa. Dra. Maria Lúcia Marcondes Carvalho Vasconcelos e ao professor Dr. Ricardo Ianace, pelas valiosas sugestões e observações atentas dispensadas à organização desta pesquisa, por ocasião do exame de qualificação. Agradeço-lhes, ainda, a paciência e o tempo precioso que me dedicaram, colaborando de forma tão presente para a concretização deste trabalho.

Aos Profs. Drs. Diana Luz Pessoa de Barros, Marlize Vaz Bridi, José João Cury, Helena Bonito Couto Pereira e Elisa Guimarães Pinto, que ministraram os cursos de pós-graduação, os quais foram de fundamental importância para a minha formação até aqui.

À minha amiga, Claudia Taamy, que, nas horas de desânimo, sempre tinha uma palavra de estímulo e carinho.

À Maria do Carmo Raciunas pelas valiosas sugestões e olhar atento e crítico para a formatação e revisão deste trabalho.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, que me acolheu como aluna, à CAPES e ao MACKPESQUISA, e a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste meu sonho.

SUMÁRIO

Lista de gráficos e figuras

Lista de siglas

Resumo

Resumen

1	INTRODUÇÃO	12
2	OS CONCEITOS DE LITERATURA	17
3	A FUNÇÃO DA LITERATURA	37
3.1	LITERATURA E ARTE COMO INSTRUMENTOS HUMANIZADORES	40
3.2	A ARTE E A LITERATURA: NECESSIDADES DO HOMEM	46
3.3	O PROFESSOR COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR	49
3.4	A LITERATURA E A SOCIEDADE	57
4	ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO	60
4.1	A PROPOSTA DO PNLEM/2005	64
4.2	CRITÉRIOS COMUNS ADOTADOS PELO PNLEM PARA AVALIAÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS	64
4.3	AS APOSTILAS DO ENSINO MÉDIO	65
4.4	APRESENTAÇÃO DA LITERATURA NOS LIVROS DIDÁTICOS	69
4.4.1	Primeira série do Ensino Médio	70
4.4.2	Segunda série do Ensino Médio	71
4.4.3	Terceira série do Ensino Médio	72
4.5	LITERATURA DO "SÉCULO PASSADO"	73
4.6	O CONCEITO DE LITERATURA NOS LIVROS DIDÁTICOS	73
4.7	APRESENTAÇÃO DA LITERATURA NOS LIVROS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PNLEM/2005	74
4.7.1	Livro 1 – <i>Novas palavras</i>	74
4.7.2	Livro 2 – <i>Textos: leituras e escritas</i>	77
4.7.3	Livro 3 – <i>Português linguagens</i>	78
4.8	APRESENTAÇÃO DA LITERATURA NAS APOSTILAS DO ENSINO MÉDIO	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
	ANEXOS	99

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
MACKPESQUISA	Fundo Mackenzie de Pesquisa
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLEM	Programa Nacional do Livro do Ensino Médio
SEMTEC	Secretaria de Educação Média e Tecnologia

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

Gráfico 1	Custo anual do material didático do Ensino Médio (valores aproximados)	67
Gráfico 2	Valores anuais do material didático do Ensino Médio por disciplina (valores aproximados)	68
Figura 1	Guernica	29
Figura 2	Catálogo do PNLEM/2004, p. 8	100
Figura 3	Idem anterior, p. 9	101
Figura 4	Idem anterior, p. 10	102
Figura 5	Idem anterior, p. 11	103
Figura 6	Ilustração da capa do Livro 1 (AMARAL, Emília et al. Novas Palavras. São Paulo: FTD, 2003), conforme Catálogo do PNLEM/2004 – Resenhas de Língua Portuguesa. 2004, p. 29	104
Figura 7	AMARAL, Emília et al. Novas Palavras. São Paulo: FTD, 2003, p. 15	105
Figura 8	Idem anterior, p. 16	106

Figura 9	Ilustração da capa do Livro 2 (INFANTE, Ulisses. Textos: Leituras e Escritas. São Paulo: Scipione, 2000), conforme Catálogo do PNLEM/2004 – Resenhas de Língua Portuguesa. 2004, p. 64.....	107
Figura 10	INFANTE, Ulisses. Textos: Leituras e Escritas. São Paulo: Scipione, 2000, p. 28	108
Figura 11	Idem anterior, p. 29	109
Figura 12	Ilustração da capa do Livro 3 (CEREJA, William Roberto.; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens. São Paulo: Atual, 2004), conforme Catálogo do PNLEM/2004 – Resenhas de Língua Portuguesa. 2004, p. 59	110
Figura 13	CEREJA, William Roberto.; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens. São Paulo: Atual, 2004, p. 30	111
Figura 14	Idem anterior, p. 31	112
Figura 15	Idem anterior, p. 32	113
Figura 16	Idem anterior, p. 33	114
Figura 17	Anglo Ensino Médio – Apostila-caderno nº 3, 1ª Série. S.Paulo: Anglo, 2005, p. 5	115
Figura 18	Idem anterior, p. 6	116

RESUMO

O ensino de literatura no nível médio é apresentado, tanto nos livros didáticos quanto nas aulas ministradas, como uma matéria que explora muito mais os fatos históricos de uma época que influenciaram determinado movimento artístico do que uma disciplina que possibilita o estudo da arte como força criativa da imaginação e a intenção estética da linguagem escrita. Neste contexto de ensino, a literatura limita-se em divulgar apenas os acontecimentos de um passado muito distante dos dias atuais. Uma vez que a literatura fica restrita ao estudo dos fatos históricos, o lado lúdico, a exploração da língua no seu sentido conotativo, assim como a utilização dos recursos lingüísticos e estilísticos fica num plano secundário. Dessa forma, afastamos do aprendiz o prazer pela leitura dos clássicos e deixamos de apresentar as publicações contemporâneas e pós-modernas, isto é, perdemos mais uma vez a oportunidade de motivar o aluno adequadamente. Com base na observação desta realidade, este trabalho tem como objetivo discutir as condições dessa disciplina no ensino médio, traçando sempre um diálogo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Este estudo apóia-se na análise de alguns dos livros didáticos indicados pelo Programa Nacional do Livro do Ensino Médio – PNLEM/2005, dando uma atenção especial para o conceito de literatura que cada um apresenta e como se faz a concretude desse ensino.

RESUMEN

La enseñanza de literatura para los adolescentes se les presenta, sea por los libros didácticos o en clases, como una materia que explota mucho más los hechos históricos de una época que una disciplina que posibilita el estudio del arte como fuerza creativa de la imaginación y la intención estética del lenguaje escrito. En ese contexto de enseñanza, la literatura llega al alumno de una manera limitada, divulgando apenas los acontecimientos de un pasado lejano de los días actuales. Una vez que la literatura queda restringida al estudio de los hechos históricos, el lado lúdico, la explotación de la lengua en su sentido más connotativo, así como la utilización de los recursos lingüísticos y estilísticos, quedan relegados a un segundo plan. De esta manera alejamos del aprendiz el placer por la lectura de los clásicos y dejamos de presentarle las publicaciones contemporáneas y postmodernas, o sea, perdemos una vez más la oportunidad de motivar adecuadamente el alumno. Basado en la observación de esta realidad, este trabajo tiene como objetivo discutir las condiciones de esta disciplina en la enseñanza media, abarcando siempre un diálogo con los *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Este estudio se apoya en el análisis de algunos libros didácticos indicados por el *Programa Nacional do Livro do Ensino Médio – PNLEM/2005*, enfocando, de manera especial, el concepto de literatura que cada uno presenta y como se hace concretamente esa enseñanza.

1 INTRODUÇÃO

“...a literatura existe. Ela é lida, vendida, estudada. Ela ocupa prateleiras de bibliotecas, colunas de estatísticas, horários de aula. Fala-se dela nos jornais e na TV. Ela tem suas instituições, seus ritos, seus heróis, seus conflitos, suas exigências. Ela é vivida cotidianamente pelo homem civilizado e contemporâneo como uma experiência específica, que não se assemelha a nenhuma outra”. (ESCARPIT apud LAJOLO, 1995, p.9)¹

¹ ESCARPIT, R. *Le littéraire et le social*. Paris, 1970.

Este trabalho surgiu de reflexões sobre o ensino de literatura apresentado no material didático (livros e apostilas) do Ensino Médio utilizado em escolas públicas e particulares no território nacional.

Desde o início, quando comecei a trabalhar na área da educação, voltei-me para os princípios dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, buscando conhecer os objetivos finais e as competências que o aluno deve adquirir em cada disciplina da grade curricular, especificamente em Língua Portuguesa. Dessa forma, observava que, uma vez familiarizado com o que rege esses Parâmetros, o professor tem um direcionamento para preparar o seu planejamento pautado em um currículo vinculado ao contexto de vida do aluno.

Entende-se que todo estudante, seja ele do Sul, do Nordeste, do Centro-Oeste ou do Norte, terá a oportunidade de receber aulas com qualidade que contribuirão para a construção da ética necessária ao convívio social, cultural e à cidadania. Sem dúvida, os PCN's contribuem para a melhora do sistema educacional, pois oferecem “um currículo que tenha vínculos com os diversos contextos de vida do aluno”. (PCN's – Ensino Médio, 2002, p. 11).

Baseado nesta proposta dos PCN's, um ponto importante no processo educacional que deve ser observado é a questão da função que determinada disciplina desempenha quando é levada para a sala de aula. Em paralelo a tal questão, a discussão sobre o que o aluno espera dos estudos literários e qual a definição que lhe é apresentada, são pontos fundamentais nesta pesquisa.

Para buscar essas respostas e tentar compor o cenário do ensino de literatura no Ensino Médio, consultas foram realizadas nos principais livros didáticos e apostilas utilizados em todo o Brasil. Porém, fez-se necessário um recorte qualitativo dentro do universo do material analisado, portanto, foram selecionados três livros e uma apostila que servirão de amostragem deste estudo.

Para a discussão do conceito de literatura, este trabalho se embasa em teóricos como Afrânio Coutinho e Marisa Lajolo, Terry Eagleton, Vítor Manuel de Aguiar e Silva, Jean-Yves Tadié e Ezra Pound. Constituem a base teórica para análise da função da literatura os textos críticos de Antônio Candido, René Wellek e Austin Warren, entre outros.

Este trabalho tem como propósito discutir a apresentação da literatura no material didático do ensino médio. Para iniciar tal discussão, decidiu-se analisar o conceito de literatura ao longo dos séculos e verificar qual é o

conceito melhor valorizado nos dias atuais, e finalmente, refletir sobre a função da literatura na sociedade. A partir desses itens analisados, estabeleceu-se um diálogo com os livros didáticos e os Parâmetros Curriculares Nacionais, com o intuito de verificar como o tema é apresentado nesse material pedagógico. Pude observar em minha prática docente que os alunos, muitas vezes, entram e saem do colégio com a impressão de que a literatura já aconteceu, que todos os autores já morreram e que suas obras já foram escritas. A maioria desses jovens fica com a visão restrita de que estão estudando História duas vezes.

Para atingir seus propósitos de discussão, este trabalho se divide em quatro partes. Na primeira, são apresentados e analisados conceitos de literatura de alguns estudiosos. Conhecendo tais conceitos, realiza-se a segunda etapa com a busca nas páginas dos livros didáticos para análise do modo como são apresentados tais conceitos. A comparação dessas apresentações nos permitirá chegar a definições possivelmente adequadas ou refletir sobre o que seria uma definição realmente adequada.

A preocupação com a melhoria da qualidade do ensino levou o MEC a elaborar os PCN's para o Ensino Médio em 2002. Sendo assim, num terceiro momento, esta pesquisa se volta para os PCN's para expor os objetivos que esses parâmetros desejam alcançar, e, também, refletir sobre o que pode ser mais adequado para os alunos. Estabelece, portanto, um diálogo entre o

material didático de literatura para o Ensino Médio e as propostas do Ministério da Educação.

Cumprida essa seqüência, pretende-se, com este trabalho, sistematizar as reflexões sobre alguns fatores que interferem no atual cenário do ensino de literatura.

2 OS CONCEITOS DE LITERATURA

(...)

E eu, que vinha vivendo o visto mas vivendo estrelas, e tinha um lápis na algibeira, escrevi, também, logo abaixo:

Sargon

Assarhaddon

Assurba

Assurbanipal

Teglattphalasar, Salmanassar

Nabonid, Nabopalassar, Nobucodonosor

Belsazar

Senakherib.

E era para mim um poema esse rol de reis leoninos, agora despojados da vontade sanhuda e só representados na poesia. Não pelos cilindros de ouro e pedras, postos sobre as reais comas riçadas, nem pelas alargadas barbas, entremeadas de fino ouro. Só, só por causa dos nomes.

Sim, que, à parte o sentido prisco, valia o ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado. Porque, diante de um gravatá, selva molhada em jarro jônico, dizer-se apenas *drimirim* ou *amormeuzinho* é justo, e, ao descobrir, no meio da mata, um Angelim que atira para cima cinqüenta metros de tronco e fronde, quem não terá ímpeto de criar um vocativo absurdo e bradá-lo – Ó colossalidade! – na direção da altura? E não é sem assim que as palavras têm canto e plumagem.

E que o capiauzinho analfabeto Matutino Solferino Roberto da Silva existe, e, quando chega na bitácula, impõe: - “Me dá dez 7ões de biscoito de talxóts!” – porque deseja mercadoria fina e pensa que “caixote” pelo jeitão plebeu deve ser termo deturpado. E que a gíria pede sempre roupa nova e escova. E que o meu parceiro José Cornetas conseguiu ampliar um tanto os limites mentais de um sujeito só bidimensional, por meio de ensinar-lhe estes nomes: intimismo, paraxe, palimpsesto, sinclinal, palingeneseia, posopopese, amnemosínia, subliminal. E que a população do Calango-Frito não se edifica com os sermões do novel pároco Padre Geraldo (“Ara, todo o mundo entende...”) e clama saudades das lengas arengas do defunto Padre Jerônimo. “que tinha muito mais latim”... e que a frase “Sub lege libertas!”,

Proferida em comício de cidade grande, pôde abafar um motim potente, iminente, E que o menino Francisquinho levou susto e chorou, um dia, com medo da toada “patranha” – que ele repetira, alto, quinze ou doze vezes, por brincadeira boba, e, pois, se desusara por esse uso e voltara a ser selvagem, E que o comando “Abre-te Sésamo etc, “fazia com que se escancarasse a porta gruta-cofre...” (...)

(Guimarães Rosa. *São Marcos*. In: _____. *Sagarana*. pp. 252-253)

OS CONCEITOS DE LITERATURA

Este capítulo pretende expor as diferentes definições que a literatura recebeu ao longo de sua história até os dias atuais. No decorrer desta exposição, verifica-se que as definições apresentadas pelos estudiosos de teoria literária divergem e, portanto, polemizam entre si. Para alguns a literatura é a valorização da forma e, como resultado dessa valorização, o “estranhamento” ou a “deformação” da linguagem; para outros a literatura é conceituada pelo fato de ser ficcional ou “imaginativa” ou, ainda, que a definição de literatura fica por conta do próprio leitor, ou seja, depende de como o texto é lido e não da natureza daquilo que é lido.

Literatura: problema fulcral e permanente, situado na base de todas as controvérsias críticas e teorias, o conceito de “literatura” tem sido amplamente examinado, sem conduzir a resultados definitivos. É crer que continue a oferecer resistência, na medida em que a própria atividade literária segue um incessante progresso cumulativo. Provavelmente em razão dessa capacidade fecunda de renovar-se a um só tempo com os artefatos que busca denominar, o conceito de “literatura” está implícito, de forma sistemática e persistente, em todas as polêmicas doutrinárias e em todos os escritos críticos: parece fora de dúvida que os desentendimentos principiam e terminam na noção de “literatura”. MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix 11^a ed., 2002, p. 310).

Como se pode observar, as divergências são muitas, mas elas contribuem para estabelecer uma analogia entre as definições que cada teórico apresenta possibilitando, assim, um estudo

OS CONCEITOS DE LITERATURA

mais vertical sobre o conceito de literatura.

Considerando apenas as correntes críticas que marcaram o século XX, apresento o grupo de estudiosos que conceituava a literatura através da valorização da forma - os formalistas russos. Tal grupo apareceu no início do século XX rejeitando as doutrinas simbolistas e apregoando um novo espírito crítico à poesia.

Os formalistas louvavam o cientificismo e a prática da análise do texto literário, ou seja, o que importava era o texto em si e, como tal, a organização da linguagem era o que interessava. Neste caso, o sentimento, a imaginação ou a reflexão da realidade social não tinham valor. Visto assim, o pensamento de um autor e/ou suas idéias, inseridos ou não num contexto social, não constituíam elementos de reflexão. Os formalistas rejeitavam qualquer linguagem que pertencesse ao “senso comum” como elementos literários para valorizar uma linguagem “específica da literatura”, ou seja, aquela que causa o “estranhamento” para o senso comum.

A título de exemplo, se tomássemos a obra inaugural do Realismo brasileiro, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, para uma análise dentro da visão formalista, não nos caberia refletir sobre o comportamento egoísta e falso da personagem Brás Cubas, nem sobre o comportamento daquela sociedade hipócrita, doentia e fracassada nos seus próprios interesses.

OS CONCEITOS DE LITERATURA

A análise através da materialidade da palavra não levaria em conta o contexto social e cultural e nem os motivos da ruptura do movimento anterior para o contemporâneo. Refiro-me aqui, à ruptura do Romantismo do século XVIII para o Realismo/Naturalismo do século XIX. Sabe-se que as rupturas acontecem através das mudanças do contexto social, ideológico, político, religiosos, econômico, etc., estando implícita aí, a alteração do comportamento das pessoas, uma vez que essas são afetadas por tais mudanças, inclusive os escritores.

Pode-se citar também os poemas simbolistas na mira da crítica formalista. O misticismo, a espiritualidade, os símbolos e os pensamentos difusos que os compõem não ganhariam destaque nas lentes de tais críticos. O que lhes importaria seria apenas o estudo lingüístico de tal composição. Terry Eagleton em sua obra *Teoria da Literatura: uma introdução*, diz a esse respeito:

[...] o conteúdo era simplesmente a “motivação” da forma, uma ocasião ou pretexto para um tipo específico de exercício formal. O Dom Quixote não é uma obra “sobre” o personagem do mesmo nome: o personagem é apenas um artifício para se reunirem diferentes tipo de técnicas de narrativas. (1994, p. 3).

Parafraseando Eagleton, se olharmos para a análise dos formalistas russos perceberemos que o conceito de literatura para esses críticos era embasado na poesia, isto é, a poesia era o texto literário por excelência, pois valorizava os “artifícios” (som, imagem, ritmo, métrica, técnicas narrativas, etc.) e incluíam todo o estoque de elementos literários formais. Diante de tal olhar crítico, pode-se observar que, para os formalistas, o texto que apresenta um “estranhamento” ou uma “desfamiliarização” da linguagem comum passaria pelo crivo da literatura.

Na visão formalista, portanto, o texto literário é aquele que apresenta uma linguagem técnica e artisticamente lingüística que, como resultado, causa um “estranhamento” para o leitor, pois a linguagem do cotidiano

OS CONCEITOS DE LITERATURA

(comum) não serve como objeto de composição para um texto literário. De acordo com Jakobson (1956 apud EAGLETON, 1994, p. 02)²: “a literatura é uma violência organizada contra a fala comum”.

Levado pela corrente dos formalistas, o polêmico poeta e também teórico Ezra Pound, em sua obra *ABC da Literatura* (2003), define a literatura de uma forma muito racional e prática. Pound afirma que “Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível”. (p. 32). Pound traz respostas bem exatas e diretas para se estudar e definir a literatura; escreve: “O método adequado de estudar literatura é o método dos biólogos: exame cuidadoso e direto da matéria, e contínua comparação de uma lâmina ou espécime com outra” (p.32). Sendo assim, a discussão filosófica da poesia não é reconhecida tecnicamente por Ezra Pound, uma vez que na reflexão filosófica encontramos uma consideração do contexto social, do pensamento do autor, dos fatos históricos, das emoções, etc.

Diante dessa exposição sobre o pensamento dos formalistas, hoje se sabe que tal teoria não obteve muito êxito quando o objeto de análise não mais era a poesia e sim um romance em prosa. Na verdade, o que esses críticos faziam eram transportar os elementos de análise de um poema para a análise do texto em prosa. Neste momento, as técnicas que valorizavam somente a forma não foram suficientes. O texto em prosa, muitas vezes, carrega uma linguagem distante daqueles “artifícios” valorizados na poesia (rimas, métrica, imagens, ritmo, etc.), então, as críticas dos formalistas russos começaram a “perder” força e outras tentativas para definir a literatura ganharam terreno.

Uma dessas novas tentativas propõe a definição de literatura a partir do texto imaginativo ou ficcional. Os teóricos que assim a definem se distanciam dos estudos formalistas, pois acreditam na imaginação do artista e na manipulação do mundo real para a recriação de um novo mundo através do texto literário.

Afrânio Coutinho assim conceitua a literatura:

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua

² JAKOBSON, Roman. Selected Writings (4 vols.), Haia, 1962 e Morris Halle, Fundamentals of Language, 1956. In: Main Trends in the Science of Language, Londres, 1973.

OS CONCEITOS DE LITERATURA

para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outras, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pelo social. O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades factuais. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida, o qual sugere antes que esgote o quadro. A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana. (1950, p. 62).

Para Coutinho, a literatura está na estética verbal e por meio dela é possível recriar um mundo novo a partir da realidade e descobrir verdades eternas sobre o homem. Atribui-se aos escritos literários a criatividade e a imaginação do autor ao escrever determinada obra.

Autores como René Wellek e Austin Warren escreveram: “A real função da literatura é fazer-nos perceber o que vemos, imaginar o que já conhecemos conceitual ou praticamente” (2004, p. 34), portanto conceituam a literatura de uma forma bastante diluída no texto, fugindo assim, do modelo de autores que preferem a forma mais objetiva e prática. Wellek e Warren definem a literatura como a arte da imaginação e batizam essa arte de *Literatura Imaginativa*. Nessa tendência de conceituar a literatura através da imaginação e da criatividade lingüística / estrutural do autor, encontramos a idéia da catarse – apresentada por Aristóteles – que é discutida até hoje.

OS CONCEITOS DE LITERATURA

O professor Vítor Manuel considera que:

O conceito de Literatura é relativamente moderno e constituiu-se em função de um determinado circunstancialismo histórico-cultural; a literatura não consiste apenas numa herança, num conjunto cerrado e estático de textos inscrito no passo, mas apresenta-se antes como um ininterrupto processo histórico de produção de novos textos – processo este que implica necessariamente a existência de específicos mecanismos semióticos não alienáveis da esfera da historicidade e que se objetiva num conjunto aberto de textos, os quais não só podem representar, no momento histórico do seu aparecimento, uma novidade e uma ruptura imprevisíveis em relação aos textos já conhecidos, mas podem ainda provocar modificações em que propiciam, ou determinam, novas leituras desses mesmos textos. (1998, p. 14).

A definição de Vítor Manuel se aproxima da afirmação de Eagleton:

Os julgamentos de valor parecem ter, sem dúvida, muita relação com o que se considera literatura, e o que não se considera – não necessariamente no sentido de que o estilo tem de ser “belo” para ser literário, mas sim de que tem de ser do tipo considerado belo; ele pode ser um exemplo menor de um modo geralmente considerado como valioso. (1994, p. 11).

Como vimos até aqui, as tentativas são muitas para se definir a literatura e cada uma delas relaciona-se ao período histórico-cultural.

O desafio e a aventura de traçar um conceito para a literatura não é só trabalho para os teóricos literários, mas também para muitos romancistas e poetas. Pode-se citar, como exemplo, Guimarães Rosa que apresentou o seu conceito de literatura valendo-se da sua própria ficção.

No conto “São Marcos”, apresentado como epígrafe deste capítulo, o leitor aparentemente encontrará uma história sobre bruxaria que se passa

OS CONCEITOS DE LITERATURA

em Calango-Frito, mas o foco central do conto é o poder mágico e misterioso das palavras. No conto, Guimarães nos fornece pistas sobre a sua idéia de literatura que é justamente a “força oculta” que os vocábulos têm e que nem sempre são controláveis pelo artista. Podemos observar uma pista logo no início deste trecho aqui descrito, quando a personagem-narradora, Izé, em seus passeios pela mata, descobre uma quadrinha em um gomo de bambu e, como réplica poética, grava no mesmo bambu nomes de reis. A personagem não escreve apenas os nomes dos reis, mas faz uma justaposição entre os nomes para criar uma nova quadrinha. Através desse trabalho experimental com as palavras, nota-se que a personagem se encanta com o som e com a aparência dos novos vocábulos.

Guimarães Rosa, por meio da personagem, deixa transparecer que a literatura é um jogo que permite regras inovadoras a cada instante e que as palavras ganham flexibilidade nas mãos do escritor para serem modeladas de acordo com a intenção e a criatividade de cada um.

Este estudo, até aqui, buscou apontar os conceitos que estudiosos da literatura apresentam em seus estudos. Vale ressaltar que entre os inúmeros conceitos de literatura, apenas alguns foram selecionados, de uma vez que as pesquisas nesse campo são infindáveis.

Os conceitos divergem de um teórico para outro e essa divergência traz reflexões ainda maiores sobre o que vem a ser a literatura. Os estudos mais

OS CONCEITOS DE LITERATURA

recentes culminam para a estética do texto e para a criatividade lingüística do autor, e que são os elementos constitutivos do texto que dão o caráter de texto literário para determinada obra.

Hoje sabemos que a literatura é uma arte e o texto literário, como tal, precisa ser analisado e interpretado como obra artística. A literatura tem como matéria prima a palavra utilizada artisticamente e é essa forma de utilizar a palavra como matéria artística que torna um texto literário ou não-literário. Portanto, a estética está em primeiro plano e resta aos estudiosos analisar o processo de construção desta estética.

Afrânio Coutinho fala em “velha crítica” e “crítica renovada”. A primeira valorizava elementos externos da obra, já a “nova crítica” importa-se com todo o fenômeno estético do texto literário. Sendo assim, a nova crítica busca no texto, e somente lá, os recursos lingüísticos que tornaram uma determinada obra esteticamente literária. A nova crítica não se importa com os fatores externos, sejam eles, sociais, culturais, comportamentais ou ideológicos. O que realmente interessa para esta crítica é o texto em si. Os estudiosos da nova crítica chamam-na de *crítica estética*, pois é a representação artística do estético que conta.

Quando se fala em estética surge uma questão particularmente delicada sobre o que seja a *estética*, mais especificamente, *estética literária*.

OS CONCEITOS DE LITERATURA

Wolfgang Iser, em seu ensaio *O Ressurgimento da Estética*, propõe um estudo sobre o ressurgimento e a história da estética. Iser fundamenta seus estudos em filósofos como Immanuel Kant. O título da obra de Iser já revela que a estética existia anteriormente e que ficou por algum tempo morta.

A história da estética passou pelos “entrenchamentos gerativos” de William Wimsatt (apud ISER, 2001, p. 36)³, que explica que a “natureza” da estética está num dado momento no tempo. “Gerativo” indica “que essa definição entrenchada implica relações contextuais a partir das quais surge uma confusão de possibilidades”. Portanto na definição de Wimsatt a “natureza” da estética está intimamente ligada ao contexto que a faz emergir e não pode estar presa a um conceito.

Quando surge *A Crítica do Juízo*, de Kant, apontando a estética como “juízo estético” em sua relação com o belo, o sublime e o gosto, temos uma nova visão da estética, pode-se falar em estética antes e depois de Kant. Sobre o “juízo de estética”, Kant (apud ISER, 2001)⁴ escreve:

[...] é único em espécie e fornece absolutamente nenhuma cognição (nem mesmo uma cognição confusa) do objeto; somente um juízo lógico o faz. Um juízo estético, em vez disso, refere-se à representação, pela qual um objeto é referido somente ao sujeito; não nos leva a notar nenhuma característica do objeto, mas somente a forma propositiva no modo como os poderes representacionais estão determinados em seu engajamento como o objeto. (2001, p. 36).

³ WIMSATT, William. Generative entrenchment and the developmental systems: approach to evolutionary process. (Manuscrito).

⁴ KANT, Immanuel. Critique of judgement. Trad. Werner Pluhar, Indianápolis, 1987, p. 75.

OS CONCEITOS DE LITERATURA

Dos pensamentos de Kant pode-se dizer que a estética está intimamente relacionada com o objeto e o sujeito. A esta dualidade e a “intuição interior” do sujeito com o objeto Kant denomina “idéias estéticas”.

[...] não pode tornar-se uma cognição porque é uma intuição (da imaginação) para a qual não se pode nunca encontrar um conceito adequado. Uma idéia racional não pode tornar-se uma cognição porque ela contém conceito (o supersensível) para o qual não se pode nunca dar uma intuição adequada. (2001, p. 37).

Observa-se que inicialmente a estética estava entrelaçada – sujeito/objeto e que a partir de Kant a “natureza” da estética está limitada ao contexto e a uma experiência sensória.

A estética, portanto, converte-se num estudo da representação, concebendo a arte como um meio para o aparecimento da verdade. A representação, contudo, vincula ainda uma relação de plano duplo, uma vez que se dá presença à verdade por um meio diferente dela mesma, permitindo-nos perceber como emerge a autoconsciência sempre crescente do “Espírito”. (2001, p. 36)

Com essa breve introdução sobre o que pode vir a ser a estética podemos arriscar uma conclusão: a estética é camaleônica. Ela muda conforme o contexto e num dado momento no tempo. Já o belo, o sublime e o gosto estão mais ligados às “idéias estéticas” do que propriamente ao “julgamento estético”, defendido por Kant.

Quando Pablo Picasso apresentou pela primeira vez *Guernica*, na Exposição Internacional de Paris em 1937, causou no público uma reação de espanto. O estranhamento deu-se pela ruptura da estética à qual eles

OS CONCEITOS DE LITERATURA

estavam acostumados. A obra de Picasso apresentava traços, cores e formas que rompiam com elementos consolidados na época, portanto a estética que o artista exibiu era bem diferente daquilo que até então existia.

Se o nosso olhar para *Guernica* for feito somente através do belo, do sublime e do gosto de uma época, talvez essa obra, como tantas outras estariam condenadas ao abandono. Porém, tais obras apresentam elementos constitutivos que vão além do gosto individual e que vão além do seu tempo. Elas carregam em si elementos estéticos que as consagram num “juízo estético”.



Fig. 1 Pablo Picasso. *Guernica*. 1937.

O mesmo acontece com as obras literárias. Se a estética é algo que pode mudar com o tempo e está inserida num contexto, o mesmo ocorre com a estética literária. Pode-se dizer que o autor consegue atingir a estética literária no seu texto quanto utiliza elementos lingüísticos que conferem à

OS CONCEITOS DE LITERATURA

obra o valor da linguagem da arte, já que, apesar das divergências entre alguns teóricos literários, todos concordam em que a literatura é uma arte verbal. Essa unanimidade reforça que a estética literária encontra-se na “lapidação da palavra” conferida pelo autor à obra.

Em sua análise do poema *A flor e a náusea*, de Carlos Drummond de Andrade, Domício Proença Filho (1997, pp. 6-7) enfatiza que a linguagem contida no poema é utilizada de forma diferente daquela que usamos para falar.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rios de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada.
Ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
Garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

(Carlos Drummond de Andrade. In: *A rosa do povo*. 1983, p. 112)

A flor que o poeta apresenta extrapola a sua condição de vegetal e passa a representar outros símbolos. Esse substantivo deixa o campo real e passa a fazer parte de um mundo imaginário cheio de significados polissêmicos. A flor do poema pode representar a esperança e a renovação depois da guerra. A palavra no poema ganhou uma característica estética, pois deixa de representar somente o objeto e passa a representar outros símbolos, sejam eles concretos ou abstratos.

OS CONCEITOS DE LITERATURA

Tanto no poema quanto na prosa, a linguagem é utilizada esteticamente, isto é, ela não foi citada para representar o real e sim recriada para um mundo imaginário. Quando o texto adota uma linguagem que não se preocupa com a representação do real, dizemos que esse texto carrega elementos lingüísticos que lhe conferem um caráter literário. Portanto, para entender a literatura e ter um parâmetro de texto literário face ao não-literário torna-se necessário recorrer à estética do texto. Através da linguagem literária temos o privilégio de ler obras que abordam o mesmo tema sem que pareçam repetitivas. Temas como o adultério, a miséria humana ou ainda as obras com enfoque maniqueístas são assuntos que se repetem, mas o que diferencia uma obra da outra é justamente a questão da linguagem literária. Essa linguagem carregada de significados e a maneira diferenciada de abordar os temas conferem às obras um sabor único e especial.

Se a estética é camaleônica e o seu conceito, como tal, se transforma para se adequar ao novo contexto, o conceito de literatura também sofre esse processo de transformação e adequação ao seu tempo. Hoje ela tem uma roupagem bem diferente daquela exibida, por exemplo, no século XVIII. Nessa época a literatura era todo o conjunto de obras valorizadas pela sociedade, isto é, textos filosóficos, históricos, cartas, ensaios, poemas, etc. A imaginação e a criatividade não eram referências para atribuírem valor literário a uma obra.

OS CONCEITOS DE LITERATURA

Se pensarmos somente na etimologia da palavra *literatura*⁵, está correta tal definição, mas como o nosso olhar acompanha o nosso tempo, a definição do século XVIII se distancia do que hoje se entende por literatura. Era comum classificar de literatura qualquer material escrito ou impresso para registrar as descobertas, as pesquisas ou a história de uma nação. Dentro deste contexto é particularmente difícil imaginar como seriam definidos ou apresentados os romances de Machado de Assis, ou de Shakespeare, Alexandre Dumas, Cervantes, etc. para o público, já que faziam parte daquela mesma literatura a que pertenciam todos os manuscritos, fossem sobre ciências, descobertas, mapas, etc. Também era comum definir como literatura somente as obras canônicas. É como se toda a literatura se resumisse nas obras consagradas mundialmente.

Quando a literatura é definida e apresentada apenas pelas obras consagradas, é comum o mestre valorizar os fatos históricos de determinada época que desencadearam determinado movimento literário e, assim, dá-se uma importância menor ao texto. Esse método conserva a tradição dos estudiosos da fase naturalista do século XIX, pois os grandes teóricos desse período olhavam para a literatura como uma expressão da sociedade.

⁵ Literatura – Latim *litteratura*(m), de *littera*(m), letra. Primitivamente, o vocábulo designava o ensino das primeiras letras. Com o tempo, passou a significar “a arte das belas letras” e, por fim, “a arte literária”. Até o século XVIII, preferiu-se o termo “poesia”, ao qual se atribuía sentido solene e elevado. Somente a partir do século XIX é que a palavra “literatura” entrou a ser empregada para definir uma atividade que, além de incluir o textos poéticos, abrangia todas as expressões escritas, mesmo as científicas e filosóficas. In: MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix 11ª ed., 2002.

OS CONCEITOS DE LITERATURA

Tais obras valiam como um “documento” histórico que retratava o caráter e o comportamento de um povo, sendo assim, era possível observar e interpretar o espírito do homem em sociedade.

Talvez o professor de literatura não encontre nenhum problema nessas questões que abordam o conceito sobre essa disciplina, mas para o aluno, isso pode ser um ponto mal esclarecido que dificulta o seu entendimento e, conseqüentemente, o seu interesse pelo estudo da obra literária.

As conseqüências deste tipo de crítica desenvolvida no século XIX estenderam-se para um outro método. Se o primeiro fazia da literatura um documento para interpretar a realidade, o método seguinte valorizava o autor e não a obra. As críticas literárias, de acordo com esse novo método, deveriam partir da vida do autor para a obra, ou seja, em primeiro lugar vinha a biografia e em segundo plano a obra. Este tipo de crítica defendia a idéia de que o autor explica a obra. Segundo Ezra Pound, “o mau crítico se identifica facilmente quando começa por discutir o poeta e não o poema” (2003, p.09), no nosso caso, o mau mestre dá um valor maior para a vida do artista e deixa de lado o que ele produziu.

Neste cenário de ensino-aprendizagem desenvolvido no século XIX e seguindo até hoje, corre-se o risco de transmitir aos jovens uma disciplina

OS CONCEITOS DE LITERATURA

que tem como enfoque maior a história de alguém que um dia escreveu um romance ou poemas que fizeram sucesso e que entraram para a história ou, então, reforçar o pensamento dos estudiosos naturalistas, em que a literatura serve como um documento histórico de um povo. Esses professores “arcaicos” revelam para os seus alunos uma literatura também arcaica. É como se não houvesse permanência literária.

Não se pretende, com isso diminuir a importância da História na literatura, pois ambas estão intimamente ligadas, mas sim, enfatizar a grande importância que se dá para aquela e que, muitas vezes, encobre esta. Cabe aqui um comentário do grande filósofo Aristóteles sobre a História e a poesia: “[...] a história relata as coisas que aconteceram, a poesia, tal como podiam ter acontecido”. (Aristóteles. 2000, p.47).

Fica claro até aqui, que nenhuma das formas de abordar a literatura prioriza a estética do texto literário. No capítulo seguinte observaremos os livros didáticos do Ensino Médio, nos quais se nota que é comum prevalecer uma das formas apresentadas até aqui, ou seja, o que foi visto como método adequado para estudar e interpretar a literatura no século XIX segue sendo usado atualmente. Isso não significa que as teorias desenvolvidas naquele século tenham sido totalmente falhas, mas sabemos que elas não se sustentavam, pois o lado estético ficava em segundo plano.

OS CONCEITOS DE LITERATURA

Diante deste breve comentário sobre a estética, nota-se que nos livros didáticos e, conseqüentemente nas aulas ministradas a partir deles, não se dá ênfase à estética do texto literário. Geralmente, a riqueza que as obras literárias apresentam, fica para o segundo plano, sejam os grandes clássicos ou obras menos consagradas. Reitera-se, portanto, que a mentalidade dos séculos anteriores ao nosso ainda reina nas salas de aula.

Luiz Roncari inicia o prefácio de sua obra revelando desejo de mudar o paradigma do livro didático. Pois ele também acreditava que tais livros sufocavam o estudo da literatura em função de um estudo mais voltado para elementos pouco inerentes à literatura. Esses elementos aparecem citados ao longo do prefácio tais como fatos históricos, cronologia extensa e rigorosa dos movimentos literários e biografia do autor. Dando assim pouca evidência para o texto e seus elementos constitutivos.

Roncari atribui esta falha nos livros didáticos da época, década de 90, às exigências dos vestibulares e às demandas extracurriculares. Como veremos mais adiante, esse cenário não teve transformações significativas nos livros de hoje.

Como vimos até aqui, existem muitos conceitos para literatura. A própria palavra literatura proporciona várias interpretações, dada a sua polissemia. Se o conceito de literatura gera muita discussão entre os

OS CONCEITOS DE LITERATURA

estudiosos, seria bastante previsível supor que o mesmo acontecesse entre os jovens de 14 a 17 anos.

3 A FUNÇÃO DA LITERATURA

Parece-me bastante possível sustentar que a função da literatura como força geratriz de prêmio consiste precisamente em incitar a humanidade a continuar a viver; em aliviar as tensões da mente, em nutri-la.

Ezra Pound. A arte da poesia.

Com base na questão do conceito de literatura discutido até aqui, cabe-nos refletir sobre o ensino de literatura e o adolescente, e sobre o modo como se apresenta o conceito de literatura para os alunos do Ensino Médio.

Vários fatores contribuíram para a liberdade de expressão que vivemos hoje. Pode-se citar a liberdade sexual da mulher que a pílula proporcionou, a queda da ditadura, o voto direto, as conquistas trabalhistas, a emancipação da mulher para o trabalho, liberdade artística, e muitos outros. Os jovens vivem hoje intensamente essa liberdade conquistada, e, como conseqüência, desejam e buscam respostas para suas inquietações, inclusive para o ensino escolar de determinadas disciplinas. O aluno tem a necessidade de saber para que serve aquele ensinamento e qual a sua utilidade.

Pode-se dizer que, talvez, este tipo de comportamento é decorrência de um discurso⁶ de fundo utilitário que prega a objetividade das coisas visando sempre algo material em troca. Se esses alunos estão mergulhados neste cenário de *“aprender para que”*, darão maior ou menor importância para as

⁶ Discurso – Latim *discursu* (m), ação de correr por ou para várias partes. O vocábulo “discurso” ostenta, segundo o contexto em que se inscreve polivalência de sentido. No plano da oratória, designa a elocução pública que visa a comover e persuadir. Pode ainda assumir a denotação de “tratado”, “dissertação”, ou equivalentes, como, por exemplo, o Discurso do Método (1637), de Descartes, o Discurso acerca do Estilo (1753), de Buffon, o Discurso acerca da Desigualdade dos Homens (1755), de Rousseau. In: MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix 11ª ed., 2002.

A FUNÇÃO DA LITERATURA

disciplinas que lhes apresentarem, respostas satisfatórias, pois estão inseridos num mundo em que o utilitarismo é valorizado.

Se, de um lado, os alunos encontram disciplinas como a Matemática, a Física, a Química, a Língua Portuguesa, etc. que lhes apresentam conceitos claros e, conseqüentemente, mais fáceis de serem compreendidos e que lhes facilitam perceber também a utilidade prática naquilo que estão estudando, por outro, encontram disciplinas com conceitos vagos e muito subjetivos. Essas últimas correm o risco de cair no desinteresse dos alunos, pois estes talvez não consigam ver a utilidade prática e aplicação de seu aprendizado.

Os resultados de situações observadas pelos organizadores dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), envolvendo alunos do Ensino Médio são significativos para comprovar tal hipótese.

Na primeira situação foi solicitado aos alunos que separassem de um bloco de textos -- que incluíam desde poemas de Pessoa e Drummond até contas de telefone e cartas de banco -- os textos que fossem literários e os não-literários, de acordo como são definidos. Um dos grupos não fez qualquer separação. Quando questionados, os alunos responderam: *“todos são não-literários, porque servem para fazer exercícios na escola.”* Quando questionados sobre os textos de Drummond, responderam: *“Drummond é literário, porque vocês afirmam que é, eu não concordo. Acho ele um chato. Por*

que Zé Ramalho não é literatura? Ambos são poetas, não é verdade? Aliás, o que é literatura?” (2002, pp. 137-138)

Numa outra situação, foi proposta aos alunos uma discussão o conceito de literatura. As respostas foram unânimes, todos afirmaram que a literatura era a disciplina que estudava a vida dos poetas e de escritores mortos e não entendiam por que Machado de Assis era literatura e Paulo Coelho não. (2002 p.137).

Com essas situações expostas, percebe-se que as explicações dadas aos alunos não faziam o menor sentido para eles. Partindo desta realidade verifica-se que o jovem se envolve com determinada disciplina quando consegue ver utilidade naquilo que está estudando.

3.1 LITERATURA E ARTE COMO INSTRUMENTOS HUMANIZADORES

A compreensão da função da literatura talvez não seja tão difícil para os alunos quanto a percepção de sua provável utilidade.

No universo da arte, encontra-se a literatura que também deve ser usufruída pela sua criação e estética. A obra literária tem como essência a

A FUNÇÃO DA LITERATURA

palavra trabalhada artisticamente e a criatividade do autor em inventar histórias e personagens.

No entanto, através desse deleite proporcionado pela apreciação da arte, o homem vai, acessoriamente, aprimorando a sua formação. Dessa forma, a arte contribui para uma formação mais completa do ser humano, satisfazendo uma espécie de necessidade universal de ficção e fantasia.

Sobre a função da literatura, Antônio Candido escreve:

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e a fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certa forma é coextensiva ao homem, por aparecer invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos. No nosso ciclo de civilização, tudo isto culminou de certo modo nas formas impressas, divulgadas pelo livro, o folheto, o jornal, a revista: poema, conto, romance, narrativa romanceada. Mais recentemente, ocorreu o boom das modalidades ligadas à comunicação oral, propiciadas pela técnica: fita de cinema, [...] história em quadrinhos, telenovela. Isto sem falar no bombardeio incessante da publicidade, que nos assalta de manhã à noite, apoiada em elementos de ficção e de poesia e em geral da linguagem literária.

Portanto, por via oral ou visual, sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. (1972, p. 244).

A FUNÇÃO DA LITERATURA

De acordo com Max Eastman (apud René Wellek e Austin Warren, 2003, p. 34)⁷: “a real função da poesia é fazer-nos perceber o que vemos, imaginar o que já conhecemos conceitual ou praticamente”.

O alívio da pressão das emoções pode fundamentar a idéia de que nem só os grandes clássicos proporcionam tal sensação, o que leva ao reconhecimento do valor de obras de outras categorias.

A função da literatura é trabalhar com a palavra sem o compromisso com a verdade, pois ela sai do real para o mundo imaginário e através da literatura é possível dar uma roupagem lúdica e polissêmica para as palavras, transformando o texto em objeto eterno. Segundo os PCN's, pode-se dizer que a literatura é: “o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial” (2002, p.145), portanto ela tem a função de “arquivar” e “alimentar” a história de um povo, recriando através da ficção um mundo diferente do mundo real.

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. Em geral pensamos que a literatura atua sobre nós devido ao terceiro aspecto, isto é, porque transmite uma espécie de conhecimento, que resulta em aprendizado, como se ela fosse um tipo de instrução. Mas não é assim. O efeito das produções literárias é devido à atuação simultânea dos três aspectos, embora costumemos pensar menos no primeiro, que corresponde

⁷ EASTMAN, Max. The literary mind: its place in an age of science. New York, 1935.

A FUNÇÃO DA LITERATURA

à maneira pela qual a mensagem é construída; mas esta maneira é o aspecto, senão mais importante, com certeza crucial, porque é o que decide se uma comunicação é literária ou não. (CANDIDO, 1995, p. 244)

O entendimento da função da literatura pelos jovens depende de vincular-se à compreensão de seu “papel humanizador”, como lhe atribui Antônio Candido.

A explicação da função da literatura para os jovens depende de vincular-se a compreensão do “papel humanizador” que lhe atribui Antônio Candido.

Não se pode negar que o envolvimento do ser humano em alguma atividade ou situação é mais eficaz se ele consegue visualizar um retorno positivo para si. Portanto, a dificuldade de envolver os alunos freqüentemente resulta da incompreensão que a literatura proporciona, já que é abstrata.

Ora se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (1995, p. 242)

A FUNÇÃO DA LITERATURA

Talvez, se devolvêssemos aos alunos as suas próprias perguntas, começaríamos a encontrar algumas respostas. Por exemplo, se lhes perguntássemos por que vão ao cinema, ou por que ouvem música ou por que, às vezes, vão ao teatro. Com certeza nos responderiam que procuram tais atividades por gostarem delas e por que são divertidas. Em verdade, o filme, a música e o teatro nos proporcionam momentos de “descanso” da realidade, por mais próximos que sejam do real. Por alguns instantes ficamos envolvidos com um outro mundo que, de certa forma, foi idealizado pelo filme ou pela música, mas que tem muitas semelhanças com o real. E, através do filme e da música, aprendemos coisas significativas para as nossas vidas.

Esses meios artísticos nos despertam reflexões sobre o comportamento do homem individual e coletivamente. Portanto, encontramos verdades na arte; ela tem o poder de nos aprimorar como seres humanos. Alfredo Bosi cita: *“A arte é o que nos resgata da condição de animais”*. (1994, p. 21)

Mediante tal citação, dizer aos alunos que a arte é humanizadora e enriquece culturalmente o homem, provavelmente trará pouca ou nenhuma elucidação a eles, pois são abstrações, e, nessa condição, dificilmente são percebidas. Se dissermos, ainda, que o ser humano pode passar a sua vida inteira sem ir ao cinema ou ouvir uma música, pois essas ações não lhe farão falta alguma, ou seja, ele continuará vivo, já que nenhuma destas artes têm necessidade vital para o ser humano. Nesse momento, o aluno poderá ficar confuso e até mesmo discordar do que ouve, pois certamente defenderá a utilidade da música e do cinema em sua vida. Provavelmente haverá dificuldades para encontrar uma resposta que explique a utilidade do cinema e da música, pois a resposta já está dentro dele – o cinema e a música lhe proporcionam prazer e isso não precisa de muita explicação. O jovem que se envolve com o cinema e com a música e passa a usufruir modalidades artísticas e, assim, é resgatado da mera condição de animal.

A FUNÇÃO DA LITERATURA

Na linha de pensamento de Alfredo Bosi – o homem é transformado pela arte – e usando como exemplo a idéia do cinema e da música, pode-se fundamentar que assim como o cinema, a música e o teatro tornam a arte “útil” ao ser humano, a obra literária também está inserida neste espaço artístico. Portanto, a literatura é também capaz de proporcionar o mesmo prazer e fruição para o jovem. Além dessas sensações, a literatura dá ao homem a oportunidade de conhecer um mundo diferente do real e refletir sobre eles. Conclui-se, portanto, que entrar em contato com estas duas diferentes realidades – mundo real e fictício – permitirá ao homem conhecer-se e refinar-se.

3.2 A ARTE E A LITERATURA: NECESSIDADES DO HOMEM

O ser humano em sua complexidade física, emocional, social, intelectual e cultural, apresenta diversas possibilidades de reflexão para o seu comportamento. Como área de interesse para este trabalho, abordaremos superficialmente sobre três destes aspectos básicos da complexidade humana, quais sejam: físico, intelectual e emocional.

Concreto e visível, o aspecto físico constitui a matéria, o corpo. De maneira simplista, o homem é formado de esqueleto e músculos. Assim como é simples este aspecto formativo do homem, é igualmente fácil entender as necessidades do visível, do concreto. Seja por meio de nutrientes ou através da medicina – quando houver detecção de falha ou ineficiência.

Quanto ao aspecto intelectual, considera-se que o homem usa sua inteligência quando necessita proteger-se, evoluir tecnicamente ou ultrapassar os limites de seu corpo ou da competição social. Além de superar as barreiras para a perpetuação da espécie – instinto nato de todos os animais –, usa-a para realizar seus desejos de superação, seja através da invenção de máquinas ou a descoberta científica. Nesses momentos em que o homem concretiza os seus sonhos e atende às suas necessidades, ele está aliviando, a sua inteligência, pois ele procura resolver logicamente seus problemas e cria a cultura. Se hoje podemos nos comunicar com pessoas em qualquer parte do mundo através da internet ou criar remédios para as doenças, é porque o homem usou a sua inteligência para imaginar essas

A FUNÇÃO DA LITERATURA

coisas e, posteriormente, concretizou todas elas. Podemos chamar essa concretização de “alívio da nossa inteligência”.

Do ponto de vista emocional, é inerente ao homem ter sentimentos, e, expressar-se emocionalmente remonta aos tempos inaugurais. Desde os primórdios da civilização, a dança, a música, e até a arte representada por desenhos rupestres nas cavernas de nossos antepassados demonstram que o homem necessita de canais para expressar suas alegrias e medos. Apesar de todas as mudanças trazidas com a evolução das sociedades civilizadas, permanecemos em nossa jornada pelo aprimoramento e evolução de nossa espécie – e a arte é decisiva no papel de aprimorar o homem.

A psicologia descreveria como expressão concreta de nossos sentimentos o ato de sorrir, chorar, gritar, bater, enfurecer, etc. Mas, a estas expressões, podemos também somar o prazer da música, a emoção da poesia e a evocação de sentimentos que provocamos ao ler um romance, por exemplo. É comum ouvir relatos sobre pessoas que, ao realizarem a leitura de uma obra literária, puderam encontrar conforto, sensações novas, reflexão, etc. que procuravam há muito tempo, ou que, de alguma maneira, puderam envolver-se e, através das personagens, extravasar suas emoções e anseios. Na música, outro exemplo desta identificação, existe a evocação imediata dos mais diferentes sentimentos e o resgate instantâneo de emoções tidas em outros tempos e espaços, que permanecem como que impressas em nossa memória. Talvez esta constatação explique as músicas que marcam as nossas vidas e os livros que gostamos de ler e com os quais presenteamos nossos amigos.

Ao entendermos o ser humano como o conjunto de complexo de corpo, inteligência e sentimentos – que se complementam entre si –, então conseguiremos reconhecer a importância e a função inerente a cada um destes aspectos.

A FUNÇÃO DA LITERATURA

Assim, os escritores desempenham um papel fundamental em nossas vidas, pois através de sua sensibilidade e imaginação, conseguem atingir nossas emoções e fantasias por meio de suas obras. É como se essas obras funcionassem como canais de expressividade que possibilitam o aprimoramento do homem. Fica fácil, desta forma, percebermos e explicarmos também a importância que as obras ficcionais, a poesia, o teatro e a pintura têm para nós. Finalmente, podemos entender e reconhecer a utilidade da literatura.

A citação de Ezra Pound, ABC da literatura, pode demonstrar a função e a utilidade da literatura para aqueles que desejam estudá-la:

A literatura não existe no vácuo. Os escritores, como tais, têm uma função social definida, exatamente proporcional à sua competência como escritores. Essa é a sua principal utilidade. Todas as demais são relativas e temporárias e só podem ser avaliadas de acordo com o ponto de vista particular de cada um. A linguagem é o principal meio de comunicação humana. Se o sistema nervoso de um animal não transmite sensações de estímulos, o animal se atrofia. Se a Literatura de uma nação entra em declínio, a nação se atrofia e decai. (1977 p.36).

3.3 O PROFESSOR COMO INSTRUMENTO MOTIVADOR

É função do professor, com o auxílio do livro didático, transmitir aos seus alunos a utilidade da leitura de um grande clássico ou de uma obra menos consagrada. Com este trabalho, ele conseguirá aproximar os jovens da literatura, pois estes reconhecerão os objetivos para realizar determinada leitura.

A FUNÇÃO DA LITERATURA

Se a literatura é apresentada somente como um meio de imortalizar este ou aquele autor ou algumas obras, a sua função é ignorada, isto é, a fruição através da leitura e a oportunidade de valorizar o código como elemento de arte.

A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. Isto ocorre desde as formas mais simples, como a quadrinha, o provérbio, a história de bichos, que sintetizam a experiência e a reduzem a sugestão, norma, conselho ou simples espetáculo mental. (CANDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. 1995, pp. 245-246)

Sendo assim, fundamenta-se mais uma vez que o estudo literário precisa ser contínuo, já que essa disciplina não parou no tempo, pelo contrário, acompanha-o.

Uma leitura criativa do texto literário pode ser ilustrada com o poema *Consoada*, de Manuel Bandeira.

Quando a Indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:
- Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios).
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

(1993, p. 33)

Um dos núcleos temáticos constantes nas poesias de Manuel Bandeira é a morte. Nesse poema, nota-se uma expectativa pela morte – o agora é sempre a véspera do último dia.

O sentido denotativo da palavra *consoada* é uma leve refeição noturna que se toma em dia de jejum ou ainda pode ser entendido como um ato de comemoração da passagem de um ano para o outro, uma vez que, segundo a tradição cristã, designa a ceia realizada na véspera de Ano Novo ou a ceia familiar da noite de Natal.

De uma forma ou de outra, *consoada* tem uma conotação de passagem ritual. Num primeiro momento, essa refeição é o alimento que marca o encerramento de um período de abstinência, o jejum, e, a partir daí, tem-se a idéia de sacrifício cumprido e de obrigação ou promessa paga. Já no segundo momento, *consoada* apresenta um significado mais voltado para as comemorações e as festividades em família e amigos marcadas por passagens ritualísticas e transformadoras.

Como a literatura é a arte que trabalha a palavra criativa e artisticamente, o poeta Manuel Bandeira deu novos significados para a palavra *consoada*, já que esta ganhou o sentido de “derradeira refeição da vida”, pois a “tarefa – viver – foi cumprida”.

No primeiro verso do poema – “Quando a Indesejada das gentes chegar” – é possível apreender um sentimento de rejeição à chegada da morte, uma vez que a palavra *Indesejada* é explicitada no verso. Percebe-se que o eu-lírico tem desejo pela vida e que a morte não é bem vinda, mas, por outro lado, apesar de não a desejar, tem a certeza de sua chegada e que, portanto, deve-se preparar para esse momento que pode ser doloroso ou afável.

Nos versos seguintes, a incerteza de saber como esse momento chegará toma conta do eu-lírico: “*Talvez eu tenha medo*”, “*Talvez sorria, ou diga: - Alô, iniludível!*”. É possível apreender, através do adjetivo *iniludível*, que a morte mostra-se como aquela que não pode ser iludida ou enganada, portanto não há espaço para a ilusão. Porém, se os versos da primeira estrofe mostram um eu-lírico aparentemente angustiado e cheio de incertezas, o segundo momento do poema, encontra esse mesmo eu-lírico mais tranqüilo e conformado com o seu destino. Ao afirmar que “*O meu dia foi bom, pode a noite descer*”. Nesse momento, o eu-poético faz uma análise

A FUNÇÃO DA LITERATURA

de sua vida – essa representada pela palavra dia – e vê que foi boa, que valeu a pena viver. Se expandirmos a idéia do adjetivo bom, pode-se concluir que as etapas dessa vida, vividas pelo eu-lírico, foram cumpridas com êxito e satisfação.

Prosseguindo na análise, nota-se que há uma espécie de autorização para a morte chegar – essa representada através da palavra noite –, pois, quando a noite descer, cheia de mistério e magia, ela encontrará tudo no seu lugar; “*Encontrará lavrado o campo, a casa limpa*”. Sabe-se, no sentido denotativo da palavra, que campo lavrado é aquele eito de terra que foi preparado para um novo plantio e uma nova colheita, mas a expressão metafórica “campo lavrado” ganha novo sentido no poema, implicitamente o eu-lirico foi dono de uma terra fértil, pois produziu (plantou e colheu) durante vida. Somente a literatura tem esse poder de transformar as palavras e atribuir-lhes novos sentidos. Eito de terra lavrado pode ser entendido aqui, como vida bem desfrutada. Percebe-se nesse verso um processo cíclico, outras pessoas farão o trabalho de plantar e colher, pois a vez do eu-lírico já passou: ele cumpriu o seu dever. *Campo* pode representar espaço externo, relações fora do âmbito familiar que também foram vividas.

Na seqüência desse mesmo verso temos a palavra casa que nos remete ao espaço do interior e do íntimo. Aqui se pode entender que não há conflitos para se resolver e nem desafetos, tudo foi resolvido – suas paixões, anseios,

dúvidas, etc. –, não há pendências: tudo está limpo e quitado. A mesa está posta, com cada coisa em seu lugar, pronta para receber a morte – personificada aqui como a “Indesejada das gentes” –, e, juntos, realizarem a última refeição.

Na leitura e análise desse poema de Manuel Bandeira é possível perceber a palavra trabalhada artisticamente através de metáforas, personificações, antíteses, imagens, etc., que permite a fruição do leitor e a apreciação da composição poética como forma de arte. Mas não podemos negar que, paralelamente a essa fruição, o poema conduz o leitor a uma reflexão sobre a vida e a morte e que essa reflexão pode contribuir para uma formação mais completa do homem.

O eu-lírico fala de seus sentimentos, dúvidas e medo em relação à morte, mas esses sentimentos também são vividos por pessoas do mundo real. Quando o eu-lírico fala de sua missão cumprida e de sua espera tranqüila pela morte, desperta no leitor a sugestão de que devemos cumprir também a nossa missão no mundo real para que, quando a noite chegar estejamos prontos e tranqüilos. Sabe-se que o ser da poesia é um ser imaginado pelo criador e que, portanto, sua vida pertence ao mundo irreal. Mas sabe-se também que esse mundo recriado através da literatura é um espelhamento da realidade. Nas reflexões de Antônio Candido et al. (2002),

A FUNÇÃO DA LITERATURA

em “*A personagem de ficção*”, os autores entendem que a personagem deve dar a impressão de que vive, isto é, manter certas relações com a realidade.

Poderíamos dizer que um homem só nos é conhecido quando morre. A morte é o limite definitivo dos seus atos e pensamentos, e depois dela é possível elaborar uma interpretação completa, provida de mais lógica, mediante a qual a pessoa nos aparece numa unidade satisfatória, embora as mais das vezes arbitrária. É como se chegássemos ao fim de um livro e apreendêssemos, no conjunto, todos os elementos que integram um ser. Por isso em certos casos extremos, os artistas atribuem apenas à arte a possibilidade de certeza, - certeza interior, bem entendido (CANDIDO, 2002, p. 64).

A descoberta dos significados do poema resulta da leitura atenta e criativa de um texto literário. Nota-se aqui, que o poema assume uma função na vida do leitor, isto é, além de ser uma obra artística que deve ser apreciada e usufruída, ele pode ir além e conduzi-lo a expressar-se emocionalmente e a refletir, contribuindo assim para sua formação.

Aristóteles, em “*Poética*”, não deixou apenas uma reflexão sobre aquilo que é “imitado” ou “refletido” num poema, definido no conceito de mimesis⁸;

⁸ mimesis – do grego mímesis, imitação. Aristóteles encarava, pois, a mimese como imitação da vida interior dos homens, as suas paixões, o seu caráter, o seu comportamento, em flagrante oposição ao idealismo platônico. (2004, p. 336).

mas também forneceu uma reflexão sobre os meios utilizados pelo poeta para a elaboração de sua obra e a própria maneira de ser do poema.

Não é ofício do poeta narrar o que realmente acontece; é sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem em verso ou em prosa [...] – diferem sim em que diz um as coisas que sucederam, e o outro as coisas que poderiam suceder. Por isso a poesia é mais filosófica e mais elevada que a história, pois refere àquela principalmente o universal, e esta o particular. Referir-se ao universal, quero eu dizer: atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia quando põe nome às suas personagens[...] Uma é fábula, mas não por se referir a uma só pessoa como crêem alguns, pois há muitos acontecimentos e infinitamente vários, respeitantes a uma só pessoa, entre os quais não é possível estabelecer unidade alguma. Muitas são as ações que uma pessoa pode praticar, mas nem por isso elas constituem uma ação [...] (Aristóteles, 2000, p.47)

Aprofundando um pouco mais a análise e, enfatizando a leitura criativa, nota-se que essa maneira de transmitir conhecimentos e lições sobre a vida vem da antiguidade.

De acordo com Jean Lauand (1997 apud PERISSÉ, 2004, p.40)⁹: “[...] *os antigos desenvolveram uma pedagogia – hoje esquecida e incompreendida – a pedagogia do lembrar, a pedagogia baseada na sabedoria do povo, nos provérbios, na memorização, nos gestos, nas festas...*”. Perissé chama essa pedagogia de “pedagogia do inesquecível” e “do essencial”.

Pode-se dizer que as lições transmitidas através das histórias e das experiências são ensinamentos que permanecem e, dentro desse contexto, a

⁹ LAUAND, Jean. Educação e memória. In *Medievália – filosofia, teatro e pedagogia* (estudos e traduções). São Paulo: Hottopos, 1997, p.73.

A FUNÇÃO DA LITERATURA

literatura, por meio da fruição, paralelamente, torna o homem um ser mais completo e refinado, apesar de não ter a função pedagógica.

Através da poesia ou dos romances pode-se extrair a verdade sobre o conhecimento humano, ou seja, o homem tem a necessidade de olhar para o passado para dar continuidade ao presente e poder sonhar com o futuro.

Com uma leitura criativa, pode-se levar o aluno a valorizar o texto e a ver função naquilo que lê, pois ele aprende algo sobre a vida dos homens e, conseqüentemente, sobre si mesmo. Se o jovem olhar para o estudo literário como uma ferramenta útil para a sua vida, pois indiretamente pode transmitir ensinamentos, dar vazão às suas fantasias e aliviar suas emoções, talvez o ensino da literatura passe a ser valorizado e compreendido pelos alunos. Eles enxergarão nessa disciplina uma oportunidade para aprender e esclarecer possíveis dúvidas sobre as relações humanas e diferentes comportamentos.

3.4 A LITERATURA E A SOCIEDADE

Antônio Candido dedica um capítulo da sua obra *Literatura e Sociedade* para discutir a influência da literatura na sociedade, e, mais especificamente ainda, a influência que uma obra de arte pode exercer na sociedade. Antônio Candido faz uma divisão sociológica para tentar explicar a criação literária e a sua finalidade. Em seu estudo, o professor considera que tentar explicar a arte como um meio que descreve os modos de vida e revela os interesses de tal classe ou grupo é uma verdade epidérmica.

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas dominantes. (1995, p. 243)

A arte literária não serve apenas para relatar um período histórico ou imortalizar seus autores. Sua função é outra. A sociologia moderna marca a criação literária em quatro momentos da produção e esses momentos se completam.

Primeiro o artista cria sob impulso de uma necessidade interior orientada segundo os padrões da sua época, esse impulso é complementado

A FUNÇÃO DA LITERATURA

pela escolha de temas que se completa com a escolha de certas formas e, finalmente, a síntese resultante dessas três fases age sobre o meio. Em outras palavras, a obra literária só ganha sentido se deixar a casa do seu criador e cair nas mãos do público. Esse é o objetivo final da produção de um romance: tornar-se conhecido. A partir desse momento, isto é, quando a obra chega ao público, ela começa a agir sobre ele.

Segundo a sociologia moderna, uma obra só está acabada no momento em que repercute e atua sobre a sociedade. Essas obras vão gerar opiniões, divisões ideológicas e irão, inevitavelmente, exercer influências sobre os seus leitores. Nessa abordagem sociológica no campo da literatura, Antônio Candido nos traz a importância que os romances, os poemas, enfim, a arte têm para o homem, pois são, segundo os sociólogos, frutos de indivíduos que também estão inseridos na sociedade.

Com todos esses conceitos e debates sobre a função da literatura e a sua utilidade na vida dos homens, percebemos que o estudo da literatura precisa ser visto, não só pelos professores e outros defensores da literatura, como um estudo que, além de proporcionar uma cultura mais refinada para o aluno, ajuda-o a situar-se melhor no mundo em que vive. Ler um romance – seja ele antigo ou moderno – é uma maneira de fazer o homem enxergar a si próprio inserido em histórias que partiram da realidade e lhe foram devolvidas nos moldes da ficção. Podemos dizer que as obras literárias são

A FUNÇÃO DA LITERATURA

como um espelho da sociedade, porém, o seu reflexo não é o real, mas sim aquele que está na mente e na fantasia de seus criadores. Diante dessas definições da sociologia moderna sobre a obra literária, mais uma vez devemos voltar os nossos olhos para os alunos.

É preciso, paralelamente, entender e enfatizar os fenômenos da linguagem. Se já está claro que esta é fundamental para a comunicação, precisa ficar esclarecido, também, que a literatura apresenta-a sempre nova, ou seja, a linguagem literária sempre permite novas leituras e interpretações. Essa renovação explica a atualidade de obras que foram escritas há muitos séculos atrás e que continuam emocionando com as suas histórias e personagens e trazendo uma emoção diferente para cada leitor. Isso só acontece através da linguagem literária: é ela que estimula a imaginação e interage com os sentimentos das pessoas.

4 ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

A literatura não existe no ar, e sim o tempo histórico que obedece ao seu próprio ritmo dialético. A literatura não deixará de refletir esse ritmo – refletir, mas não acompanhar. Cumpre fazer essa distinção algo sutil para evitar aquele erro de transformar a literatura em um mero documento das situações e transições sociais. A repercussão imediata dos acontecimentos políticos na literatura não vai muito além da superfície e, quanto aos defeitos da situação social dos escritores sobre a sua atividade literária, será preciso distinguir nitidamente entre as classes

da sociedade e as correspondentes “classes literárias”. A relação entre literatura e sociedade não é mera dependência: é uma relação complicada, de dependência recíproca e interdependência dos fatores espirituais (ideológicos e estilísticos) e dos fatores materiais (estrutura social e econômica). (CARPEAUX, 1966 apud BOSI, 2003, p. 10)¹⁰

¹⁰ CARPEAUX, Otto M. História da literatura ocidental. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. V.1 p.30.

Este capítulo teve como base inicial o depoimento de Luiz Roncari, que demonstra em prefácio de sua autoria¹¹, as dificuldades encontradas pelos professores quando buscam inovação e adequação na escolha de um livro didático.

Para a realização deste livro recebemos a única solicitação: a de que, tendo em vista o material de ensino existente, tentássemos mudar o paradigma do livro didático. O mais ficava por nossa conta, idealizá-lo e concretizá-lo. Pela autonomia e apoio que tivemos, gostaríamos de ressaltar uma iniciativa como a da USP e da FDE, numa esfera em que nem sempre foram os interesses educativos e formativos que predominaram.

Para a sua concepção partimos de uma pergunta bem simples que fizemos a nós mesmos: em que livro gostaríamos de ter estudado a Literatura Brasileira? Foi esse livro que tentamos escrever. Na nossa avaliação, o material de ensino voltado para o secundário, na maior parte das vezes, parecia preocupado mais em satisfazer demandas extra-educacionais que propriamente pedagógicas. Normalmente, ele procurava cumprir as exigências dos vestibulares, dos currículos oficiais, da completude de informações, tudo dentro de um tamanho econômico, quando não seguindo a exigência de um conteúdo neutro, e só por fim pensando talvez na formação efetiva do leitor interessado em literatura. (1995, p. 15)

Percebe-se nas palavras do autor que os livros disponíveis naquela época não davam grande importância para a formação do leitor e, conseqüentemente, o seu interesse pela literatura. Roncari fala do seu interesse em criar um livro diferente daqueles que seguem o padrão tradicional do ensino de literatura. Mesmo adotando a ordem cronológica das escolas literárias, ele faz uma seleção cuidadosa de textos e autores e reduz a carga informativa, para priorizar o estudo dos textos literários.

¹¹ RONCARI, Luiz. Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. São Paulo: Edusp, 1995.

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

A proposta apresentada por Luiz Roncari é a de criar um livro didático que permitisse ao aluno uma aproximação prazerosa dos textos literários e fizesse com que este reconhecesse a função e o valor da literatura para o homem.

Quando a nós, tentamos inverter essa ordem e colocamos em primeiro e único plano a formação do aluno, por isso fizemos um livro de iniciação ao estudo da literatura brasileira. Não quisemos passar nenhuma impressão de completude e suficiência; nossa intenção limitou-se a procurar um caminho de iniciação ao estudo da literatura e mostrar como esse estudo pode trazer satisfação e enriquecimento pessoal, ao mesmo tempo que contribuir para o esclarecimento das relações que vivemos. Sacrificamos todos os demais interesses em função disso. Desse modo pensamos um livro que aproximasse o leitor do texto literário e despertasse seu gosto pela literatura; que o ensinasse a ter visibilidade dos elementos constitutivos do texto; que através dele adquirisse um vocabulário crítico; e que fosse reconhecendo a função e o valor da literatura para o conhecimento do mundo, do homem e de si, mudando com isso a sua concepção do texto literário. Tudo deveria resultar na formação do leitor, no seu amadurecimento enquanto tal e enquanto sujeito. Foi a idéia geral do que nos propusemos fazer. (1995, p. 14)

A idéia de formar e informar o homem através da literatura não é inovadora e nem tampouco desconhecida. Nossa própria história nos serve de exemplo, afinal, a literatura no Brasil colonizado foi um dos fatores de intermediação cultural entre os nativos e aqueles que aqui chegavam.

Ainda segundo Roncari, dentre os vários objetivos para a criação do novo livro, existe um que particularmente interessa para o nosso estudo: o autor acredita que a literatura tem um papel importante na sociedade e que, portanto, o seu estudo é relevante e os alunos precisam conhecer o seu valor e a sua importância.

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

Pudemos trabalhar num livro que nos permitia, através da literatura, investigar o homem dentro do seu universo de relações: com a natureza, com o transcendente, com a sociedade, com o outro, com o Estado e as instituições, além das representações das harmonias e dos desajustes do país. Apesar de ser penoso o trabalho num livro de ensino e iniciação, as descobertas que nos propiciou foram amplamente compensatórias. (1995, p. 15)

Conforme apresentado anteriormente, o aluno tem a necessidade de saber o que está estudando para, assim, envolver-se com os ensinamentos daquela disciplina.

Embora as propostas de Roncari sejam adequadas, sua obra dificilmente encontra professores dispostos a adotá-la no Ensino Médio.

No capítulo anterior foram expostos os conceitos de literatura mais difundidos no passado e na atualidade. Passaremos agora a verificar como o conceito de literatura é apresentado nos livros didáticos do Ensino Médio e, após tal constatação, verificaremos a cronologia literária, isto é, onde começa e até onde vai o ensino de literatura nessa fase escolar.

Para compor a base da análise, foram selecionados três livros didáticos dentre os nove aprovados pelo PNLEM/2005 - Programa Nacional do Livro do Ensino Médio/2005 e, a título de comparação, uma das apostilas utilizadas principalmente nas escolas particulares.

4.1 A PROPOSTA DO PNLEM/2005

O Ministério da Educação, por intermédio da SEMTEC - Secretaria de Educação Média e Tecnológica, em parceria com o FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, implantou o PNLEM/ 2005, que tem como finalidade apresentar um catálogo dos livros didáticos avaliados e aprovados para o Ensino Médio de todas as regiões do Brasil.

Segundo informações, previam-se a compra e a distribuição dos livros gratuitamente para as escolas públicas do Brasil a partir do ano de 2005. O órgão responsável pela compra e distribuição é o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE e, por ser um projeto novo, as primeiras regiões beneficiadas serão o Norte e o Nordeste.

4.2 CRITÉRIOS COMUNS ADOTADOS PELO PNLEM PARA A AVALIAÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS

A observação, no que se refere aos critérios adotados pelo PNLEM/2005 (Anexos A-D), revela que o manual vê o livro didático como um dos importantes instrumentos para a formação do aluno:

“[...] que a proposta pedagógica propicie tanto a construção de conhecimentos relevantes, quanto o desenvolvimento de diferentes capacidades cognitivas, como compreensão e memorização, análise e síntese, observações, generalização e formulação de hipóteses, previsão e planejamento, entre outros”. (PNLEM/2005, p. 11)

A preocupação com a qualidade do livro didático é louvável, pois, a partir dos PNLEM, os alunos e professores têm a garantia de ter em mãos livros qualificados e que atendem, não só às exigências e expectativas do aluno e do professor, mas também da sociedade.

4.3 AS APOSTILAS DO ENSINO MÉDIO

Não existe nenhum programa semelhante ao PNLEM, que avalie apostilas utilizadas no Ensino Médio. Isto ocorre devido ao uso restrito deste material nas escolas particulares e, como o MEC centra seus esforços nas escolas públicas, não houve um interesse em realizar qualquer tipo de avaliação e indicação do material apostilado.

Por outro lado, sabemos que a utilização da apostila é uma realidade nas escolas e, cada vez mais, ganha novos adeptos. Se voltarmos no tempo para entendermos um pouco mais este fenômeno, verificaremos que o objetivo primeiro, quando da criação das apostilas, distancia-se em alguns pontos dos objetivos atuais e se aproxima de outros.

A origem das apostilas deu-se por volta dos anos 60 e 70 com o objetivo de trazer para o aluno universitário e de “cursinho” o resumo dos conteúdos ou os tópicos principais de determinado assunto. Segundo Osman Lins (1977, pp. 95-98), talvez, “[...] pela necessidade compulsória de formar

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

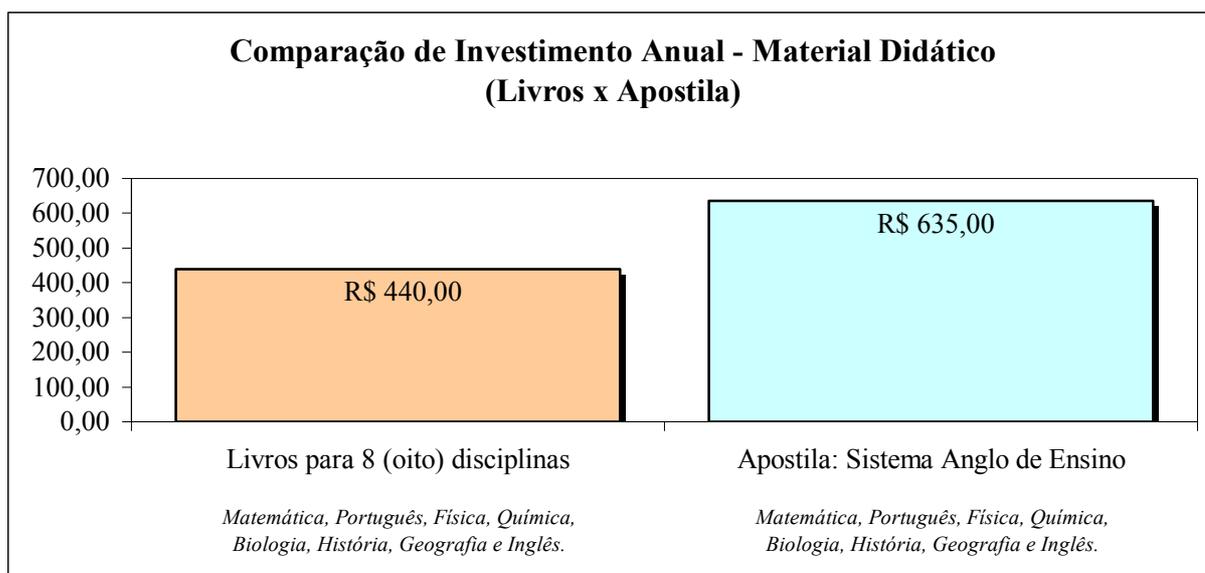
técnicos para dominarem as máquinas em um período de rápida industrialização”. Sabemos que, neste período, a política educacional valorizava a formação de mão-de-obra especializada e, conseqüentemente, o ensino tornou-se mais frágil. Em poder da apostila, o estudante podia consultar a matéria de forma mais simplificada e direta. Apenas os itens mais importantes de determinado conteúdo eram expostos ou apresentados em forma de resumo. Os textos como poemas, contos, crônicas, etc. não ganhavam as páginas das apostilas na íntegra e as análises mais aprofundadas não eram valorizadas.

Como se vê, este tipo de material não pretendia desenvolver uma cultura de formação do leitor nem cultuava a idéia do estudante criar sua própria biblioteca com os livros que o ajudaram durante a vida acadêmica; uma vez que as apostilas têm vida útil muito curta – pois são descartáveis –, as chances do aluno adquirir o livro e cultivar o hábito da leitura, pesquisa e estudo são drasticamente diminuídas. Hoje, também verificamos o mesmo objetivo para a utilização das apostilas, ou seja, são elaboradas para “facilitar” a vida do aluno, já que o conteúdo é o resumo do livro didático.

A vantagem que o aluno, talvez, encontrasse nas apostilas em seus anos inaugurais fosse o preço. Na época a que Osman Lins se refere, o estudante podia ter a matéria – mesmo que de forma fragmentada –, por um valor inferior ao do livro. Mas, se por um lado o aluno economizava, por

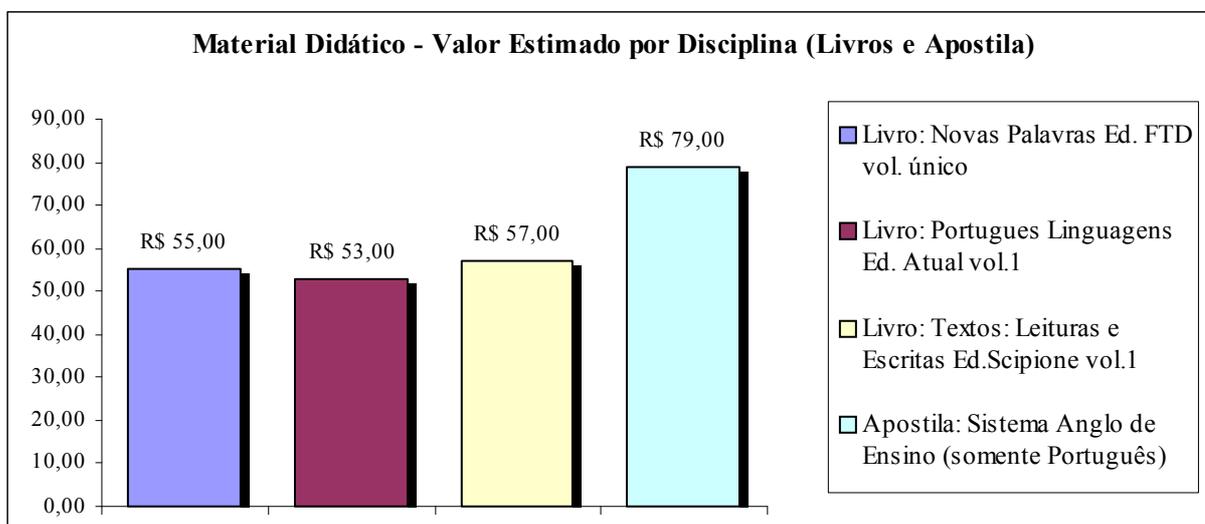
ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

outro eram os educandários e escolas particulares que levavam vantagem com a proliferação das apostilas. Uma vez que este material não tinha nenhum aspecto legal – pois não havia um autor e nem uma editora para receber os direitos autorais –, estas instituições lucravam com as apostilas. Houve, a partir daí, uma mudança no perfil econômico dos usuários diretos das apostilas. Hoje as escolas que adotam o material apostilado são consideradas de elite e, conseqüentemente, os alunos pertencem a uma classe social de poder aquisitivo elevado. Para comprovar, basta comparar o valor dos livros didáticos do Ensino Médio com o valor das apostilas (ver Gráficos 1 e 2). Os valores utilizados nos gráficos foram obtidos em maio de 2005, junto às editoras FTD, Atual e Scipione, e às escolas que utilizam a referida apostila.



Gráf. 1 Custo anual do material didático do Ensino Médio (valores aproximados).

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO



Gráf. 2 Valores anuais do material didático do Ensino Médio por disciplina (valores aproximados).

Percebe-se, portanto, que o fenômeno da apostila tem duplo interesse: o de condicionar o aluno a entrar no vestibular – para aqueles que estão nos “cursinhos” –, apresentando um conteúdo fragmentado e enxuto; e o de beneficiar economicamente as instituições que as produzem e as adotam.

Fica fácil notar que a formação intelectual do estudante é pouco valorizada com a adoção do sistema apostilado e, lamentavelmente, ela é um fator que concorre para a desvalorização dos livros em nosso país.

O papel da escola, neste cenário, é desvirtuado, já que esta tem a função social de contribuir na vida do aluno para transformá-lo num estudante permanente, ajudando-o a desenvolver-se intelectualmente. Tanto a escola quanto o professor devem insemear a cultura do estudo, da

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

pesquisa e do hábito de leitura nos alunos – e sabemos que os livros contribuem muito para isso.

De acordo com dados obtidos em fevereiro deste ano, por telefone¹², o Ministério da Educação não adota as apostilas pelos motivos didático-pedagógicos apresentados acima, e, também, pela inviabilidade de custos para o Governo. Além disso, o MEC, em parceria com o FNDE, não teria como realizar um controle mais rigoroso na distribuição deste material.

Hoje, os livros são comprados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE diretamente das editoras e estas se encarregam da distribuição para as escolas, e, buscando reduzir o custo do material escolar, o Ministério da Educação e Cultura - MEC sugere que o livro seja em volume único para os três anos do Ensino Médio.

4.4 APRESENTAÇÃO DA LITERATURA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Os principais livros didáticos utilizados no país, quase sempre, apresentam os movimentos literários de forma semelhante. Se dividirmos o estudo sobre a literatura e, conseqüentemente, os seus movimentos, no curso do Ensino Médio, teremos o seguinte cenário:

¹² Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC) – MEC; Coordenação Geral de Produção e Distribuição do Livro – MEC.

4.4.1 Primeira série do Ensino Médio

Na primeira série os estudos ganham ênfase, sobretudo, no Trovadorismo – aqui valorizando as cantigas de escárnio, de maldizer e as cantigas de amor e amigo. Estudando esse período, os alunos têm a oportunidade de conhecer uma linguagem diferente daquela a que estão acostumados, pois essas cantigas vêm escritas em português arcaico. Eles também passam a ter uma visão sobre os costumes, além de conhecer a história vivida pelos povos do século XII ao século XIV. No estudo do Trovadorismo, os alunos estão, ainda, conhecendo a cultura e as tradições de uma outra nação, aquela que viria a colonizar o Brasil.

Logo a seguir, os estudos literários serão centrados no Humanismo, passando para o Classicismo da Renascença e chegando, finalmente, aos estudos sobre o Barroco. Todos esses movimentos ganham grande parte dos estudos realizados na primeira série do Ensino Médio. Alguns livros nesse início chegam até o Romantismo, passando antes pela literatura de Formação e Informação.

É nesta fase do programa que os grandes clássicos de José de Alencar ganham as mãos dos adolescentes. A “virgem dos lábios de mel” (1997, p.7)¹² ganha destaque nas salas de aulas. Até aqui, percebemos que mais da

¹² ALENCAR, José de. Iracema. Rio de Janeiro: Paz da Terra, 1997.

metade do curso foi dedicado aos estudos da literatura estrangeira, mais especificamente, da literatura Medieval e Clássica, reservando parcela menor para o Romantismo.

Nesta primeira etapa, os alunos mergulham no mundo que, para o professor, é o mundo fascinante da literatura, mas para o aluno só se apresenta um mundo arcaico. Esse mundo é muito distante dos jovens e, portanto, de difícil apreensão.

4.4.2 Segunda série do Ensino Médio

Na segunda série, os estudos literários se voltam para o século XIX. Nesse momento, os alunos deixam o ideal do Romantismo com suas histórias de amor com finais felizes – onde os protagonistas são heróis e mocinhas frágeis e apaixonadas – e passam a conhecer o mundo mais real: Realismo/Naturalismo. Esses movimentos apresentam personagens com outros tipos de distorção (da idealização ao outro extremo) e histórias mais próximas da vida real e nesse cenário os alunos não escapam dos grandes romances como “*O cortiço*”, “*Casa de Pensão*” e outros. Finalmente apresenta-se o consagrado Machado de Assis, com “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”.

Superada essa fase, outro momento que ganha destaque é justamente o momento da poesia – parnasianismo, simbolismo, etc. entram em cena. Alcançamos então o início do século XX e, finalmente, apresentamos aos alunos romances mais modernos. Obras de grande complexidade como “Os Sertões” de Euclides da Cunha ou “Macunaíma”, de Mário de Andrade, são discutidas; apresentam-se finalmente obras mais acessíveis como “*Menino de engenho*”, de José Lins do Rego.

4.4.3 Terceira série do Ensino Médio

Finalmente, estamos na Semana de Arte de Moderna e, neste instante, parece que os alunos se sentem mais familiarizados com a literatura, mas, ainda estamos falando do início do século XX.

A semana de Arte Moderna ganha uma fatia relativamente grande nos estudos literários do Ensino Médio e, a partir daí, o curso já está caminhando para o seu fim. As poesias de Carlos Drummond, Manuel Bandeira e Cecília Meireles, os romances intimistas de Clarice Lispector, o regionalismo e a genialidade de Guimarães Rosa e outros grandes escritores dessa época, ganham destaque no último ano do Ensino Médio.

Levando-se em conta os nomes dos representantes da literatura citados acima, podemos concluir que os alunos tiveram a oportunidade de

conhecer e estudar grandes obras e, conseqüentemente, um ótimo curso. Não resta dúvida que esses nomes citados são de grande valia e devem ser obrigatoriamente incluídos, mas, ao olharmos criticamente, perceberemos que os estudos encerram-se aí.

4.5 LITERATURA “DO SÉCULO PASSADO”

Fazendo uma breve análise sobre esse ensino, percebe-se que o aluno passa três anos estudando literatura e adquirindo conhecimento sobre os grandes clássicos e sobre os escritores que marcaram cada período literário e suas características. Seguindo a ordem cronológica apresentada anteriormente, notamos que esses jovens conheceram obras literárias e seus autores até, no máximo, 1945 a 1960/70. Dificilmente terão a oportunidade de conhecer e analisar uma obra mais moderna. Nesse contexto, não podemos estranhar a opinião dos jovens sobre o estudo da literatura. Eles acreditam que a literatura já aconteceu.

4.6 O CONCEITO DE LITERATURA NOS LIVROS DIDÁTICOS

As considerações a seguir têm como objetivo verificar se os conceitos são apresentados de forma adequada para o aluno, de modo a favorecer seu aprendizado ou despertar seu interesse pelo estudo da literatura.

4.7 APRESENTAÇÃO DA LITERATURA NOS LIVROS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PNLEM/2005

O conceito de literatura apresentado hoje nos livros didáticos segue a tendência da criatividade lingüística e da valorização da força imaginativa de cada autor, portanto, a definição moderna, posterior à dos formalistas russos, como se pode comprovar na análise dos livros a seguir.

4.7.1 Livro 1 – *Novas palavras*

O livro *Novas Palavras* (Anexos E-G) vem em volume único, atentando à proposta do Ministério da Educação e Cultura – MEC e apresenta a literatura através da pergunta: “O que é literatura?”, assumindo certa dificuldade para formular uma resposta. Os autores optam por uma resposta que leva em conta a História e definem a literatura “como a arte que utiliza a palavra como matéria-prima de suas criações”. (Anexo F)

A literatura, como qualquer outra arte, é uma criação humana, por isso sua definição constitui uma tarefa tão difícil. O homem, como ser histórico, tem anseios, necessidades e valores que se modificam constantemente. Suas criações – entre elas a literatura – refletem seu modo de ver a vida e de estar no mundo. Assim, ao longo da História, a literatura foi concebida de diferentes maneiras. Mesmo os limites entre o que é e o que não é literatura variaram com o tempo. (AMARAL et. al., 2003, p. 15).

Segundo as definições mais modernas, a afirmação está parcialmente correta, pois a matéria-prima (palavra) não pode aparecer no texto de forma

“bruta” ou simplesmente no seu sentido denotativo. Se fosse assim, qualquer texto constituiria um texto literário.

A palavra só passa a ser matéria-prima para a literatura quando é concebida artisticamente. Esta ganha uma roupagem diferente na literatura que, combinada com outras palavras igualmente trabalhadas, tecem o texto literário. Nas páginas seguintes do livro, os autores exploram melhor a idéia da palavra utilizada nos sentidos literal e não-literal.

Conforme se observou anteriormente neste trabalho, Afrânio Coutinho diz que a “nova crítica” busca no texto os recursos lingüísticos que tornam uma determinada obra esteticamente literária. Quando o crítico faz tal afirmação, fica evidente que todos os elementos lingüísticos (palavra, som, rima, neologismo, variação lingüística, oralidade, etc.) que mantêm uma língua viva tornam-se matérias-primas para a literatura. De acordo com a intenção do autor, alguns desses elementos ganham maior ou menor evidência em cada obra.

O livro faz também uma síntese sobre a história da literatura e apresenta as escolas literárias numa ordem cronológica já bem conhecida. Os estudos iniciam-se com o Trovadorismo e finalizam com as Tendências Contemporâneas – Prosa entre 1956 e 1970. Há uma breve citação de alguns poetas das últimas décadas do século passado, mas com pouca

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

expressividade. Percebe-se, ainda, que o livro apresenta poucos textos que valorizem as manifestações artísticas mais populares, como as canções populares, o regionalismo ou a oralidade.

Chamamos de escolas literárias os grandes conjuntos em que costumamos dividir a história da literatura. Essa divisão tem uma função sobretudo didática, ajudando-nos a compreender as transformações da arte literária ao longo do tempo.

- Era Medieval: do final do século XII ao século XV;

- Era Clássica: do século XVI ao século XVIII;

A história da literatura portuguesa divide-se em três grandes períodos:

- Era Romântica: do século XIX até hoje;

Já a literatura brasileira possui apenas os dois últimos, mais especificamente denominados:

- Era Colonial e

- Era Nacional. (AMARAL, et. al., 2003, p. 15).

Em contrapartida, os clássicos ganham destaque nas páginas e recebem ilustrações que despertam o interesse do aluno. Porém, os autores e obras mais modernas ficam praticamente excluídos neste livro. Com isso, corre-se o risco de evidenciar para o aluno uma literatura distante, que parou no tempo e que somente os grandes clássicos merecem destaque na sala de aula.

No que se refere à função da literatura, o livro *Novas Palavras* faz perguntas diretas que sugerem reflexão para o debate.

O modo de apresentar o conceito, embora incompleto, está correto, e este fragmento pode conduzir a uma boa discussão sobre literatura.

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

Para que serve a arte? Para que serve a literatura?

As respostas a essas perguntas variam com o tempo e com as pessoas. Evidentemente, a função de uma obra literária depende dos objetivos e das intenções do autor. Mas os leitores também têm maneiras diferentes de ler são levados a abrir um livro por motivos diferentes. Alguns buscam na literatura penas um divertimento sem grandes conseqüências para a vida; outros, um instrumento de transformação e de aperfeiçoamento. Uns consideram a obra literária apenas um artefato estético, criado para a contemplação da beleza; já outros esperam que seja um veículo de análise e crítica em relação à sociedade e à vida. (AMARAL, et. al., 2003, p. 16).

4.7.2 Livro 2 – *Textos: leituras e escritas*

O livro de Ulisses Infante, *Textos: Leituras e Escritas* (Anexos H-J), vem dividido em três volumes, um livro por série, e apresenta a literatura através de perguntas que desencadeiam outras perguntas na tentativa de chegar a uma possível definição.

Uma das definições de literatura oferecidas pelo dicionário Aurélio é “arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso.” Se você resolver investigá-la de forma mais profunda, poderá elaborar uma série de perguntas:

- O que é uma arte?
- O que significa “compor” nessa frase?
- O que são “trabalhos artísticos”?
- O que é “prosa”?
- O que é “verso”?

Num segundo momento, poderá fazer outras indagações:

- A literatura é importante?
- Há algum proveito em estudá-la?
- Como devo estudá-la? (INFANTE, 2000, p. 28)

O autor inicia o seu trabalho explorando a leitura e o entendimento de um texto que propõe a discussão de texto literário e não literário, com a finalidade de levar o aluno a perceber e a entender as diferentes maneiras de utilizar as palavras. Daí em diante, o autor explora gradativamente o

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

conceito de literatura, sua importância e função no mundo e, assim, conduz adequadamente o aluno a perceber que a literatura é uma arte.

A literatura é, portanto, uma arte. Nesse sentido, participa, com as outras formas de manifestação artística, de um esforço humano para melhor entender a realidade que nos cerca. A arte, em geral, traduz a necessidade do homem de ampliar a compreensão do mundo. (INFANTE, 2000, p. 30)

A apresentação da matéria é organizada de modo tradicional, ou seja, com base na sucessão cronológica dos estilos de época, seus autores e obras. Neste ponto, bem semelhante ao livro anteriormente apresentado. O movimento inaugural é o Trovadorismo e as Tendências Contemporâneas fecham o ciclo, com artistas das últimas décadas do século XX.

4.7.3 Livro 3 – *Português Linguagens*

Os autores, Roberto Cereja e Thereza Magalhães, do livro didático *Português Linguagens* (Anexos L-P), assim como Ulisses Infante, apresentam a obra em três volumes. Ao contrário das duas apresentações anteriores, este livro, antes de expor o conceito de literatura, estampa nas primeiras páginas do vol. 1 – Cap. 1 a literatura na Baixa Idade Média e, nas páginas seguintes, apresenta a Língua: uso e reflexão, explorando as variantes lingüísticas, as diferenças entre a língua falada e escrita e, no capítulo seguinte, os autores apresentam a literatura como a “leitura-prazer”.

A linguagem é um dos patrimônios mais importantes da humanidade. Por meio dela, interagimos com pessoas que estão próximas e longe de nós. E também com textos deixados por escritores de outras épocas, mas cujas idéias ainda não

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

perderam a atualidade. Por meio da linguagem se faz arte, se faz história, se faz cultura. A história das culturas portuguesa e brasileira está associada ao surgimento da língua portuguesa, que ocorreu na Idade Média. Estudar a literatura portuguesa e a literatura brasileira implica conhecer sua origem, sua história e suas relações socioculturais, além das relações existentes entre elas e o mundo contemporâneo. (CEREJA e MAGALHÃES, 2004. p. 10).

O livro é rico em textos que têm como tema o estudo da literatura, bem como ilustrações de obras artísticas famosas.

Para apresentar o conceito de literatura, os autores registram depoimentos de escritores sobre o que seja literatura para eles (Anexos M-N). Tais depoimentos valorizam a literatura como objeto de arte que utiliza a palavra como matéria-prima e como um instrumento que permite o homem a conhecer melhor a si próprio.

Cada tipo de arte faz uso de certos materiais. A pintura, por exemplo, trabalha com a tinta, cores e formas; a música com sons; a dança, com movimentos; a arquitetura, com o espaço; a escultura, com formas e volumes. A literatura, que material utiliza? De maneira simplificada, pode-se dizer que a literatura é a arte da palavra. (CEREJA E MAGALHÃES, 2004, p. 26).

Como nas obras didáticas já mencionadas o estudo da literatura é pautado pela tradição, ou seja, segue a ordem cronológica literária, início do séc. XII até as décadas 70 e 80 do séc. XX.

Há um destaque nos comentários das obras literárias canônicas, essas dispõem de um estudo mais detalhado e completo, enquanto os comentários das obras inseridas nos movimentos literários mais contemporâneos são

breves e superficiais. Nota-se uma riqueza de textos, poemas, autores e informações quando se trata de obras anteriores ao século XX. Implicitamente pode-se dizer que há uma valorização daquelas obras em relação as mais contemporâneas.

4.8 APRESENTAÇÃO DA LITERATURA NAS APOSTILAS DO ENSINO MÉDIO

Conforme se observou anteriormente, a adoção das apostilas nas escolas particulares aumenta a cada ano e a causa dessa realidade pode ser atribuída a algumas situações; uma delas é a necessidade de direcionar estudo, em forma de resumo, para o vestibular.

A apostila valoriza a idéia de aprender o “essencial” para conseguir bons resultados e, como se pode observar, os conteúdos das apostilas vêm bem resumidos e em forma de esquemas (Anexos Q-R). O material didático apostilado é vendido por um preço mais elevado que o livro didático, mas seu custo certamente é baixo, se comparado ao custo de produção do livro didático. Além disso, trata-se de um material altamente descartável. O jovem, quando recebe o material apostilado, necessita aprender a manuseá-lo, pois as matérias estão todas inseridas em uma única apostila.

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

O material didático aqui apresentado serviu como amostragem do que se utiliza como apoio nas escolas públicas e particulares do país. Como se viu, o ensino de literatura, tanto no livro didático quanto na apostila, é apresentado de maneira histórica/cronológica e neles se valorizam os cânones da literatura.

A variedade de textos e autores é bem grande, portanto, aquele modelo de “livro ideal”, apresentado anteriormente por Luiz Roncari, não obteve êxito. A quantidade de fragmentos de textos e autores continua em vigor nos livros atuais, o que nos leva a crer que há pouca profundidade no estudo literário desses textos.

Muito já se debateu sobre o ensino de literatura e percebe-se que, ainda, o tema rende muita discussão.

Leyla Perrone-Moisés comenta em seu ensaio, “Considerações intempestivas sobre o ensino de literatura”, que a literatura se encontra num momento de “situação incerta” e, devido a essa situação, o ensino fica ameaçado.

Os problemas atuais do ensino da literatura decorrem da situação incerta em que se encontra a própria literatura neste fim de século, época que se convencionou chamar de pós-moderna. No momento atual a literatura está sendo questionada em sua produção e em sua recepção, encontrando-se ameaçada em seus próprios fundamentos. (2000, p. 345).

Através desse comentário, nota-se que a literatura, atualmente, encontra-se em fase turbulenta e que tal situação, segundo a autora, é decorrente das indagações “*dos fundamentos de sua prática e da inscrição da mesma na sociedade*” (pp. 345, 346), feitas pelos escritores da modernidade.

No início do século XIX, a literatura começou a ganhar prestígio nos manuais escolares e o seu ensino não encontrou grandes problemas, uma vez que a tradição dos estudos dos clássicos era mantida.

Naquele período e até meados do século passado, o estudo se pautava na valorização da escrita, assim, o texto escrito era basicamente o único instrumento para a transmissão da matéria. Nesse contexto, a escrita ganhava cada vez mais prestígio e, conseqüentemente, as obras canônicas da literatura se destacavam.

Ensinar literatura implica diretamente no ato de ler, e, a arte – e aqui se inclui a literatura – acompanha o seu tempo. Se, nos séculos XVIII, XIX e meados do XX, a sociedade valorizava a escrita, em tempos posteriores, a sociedade passou a valorizar outros meios de comunicação, principalmente a imagem. A quietude, a concentração e a disponibilidade de tempo eram fatores que compunham o cenário do passado e que favoreciam diretamente a leitura.

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

No que se refere à leitura de textos literários, seja em tempos mais remotos ou atuais, esse ato continua exigindo calma e concentração, portanto, apesar do contexto social sofrer mudanças, a transmissão do ensino de literatura, que exige a leitura, continua inalterada.

O pensamento moderno que apregoa o descartável, o instantâneo e o consumismo contribui para a negação de uma leitura que visa, num primeiro momento, a fruição e a apreciação estética do código. Assim escreveu Leyla Perrone-Moisés:

A partir da segunda metade de nosso século, uma nova situação configurou-se, e, nesta, a literatura tem sido relegada a um lugar cada vez mais desimportante. A produção literária começou a sofrer de exaustão. Os gestos revolucionários das vanguardas já haviam sido assimilados e neutralizados pela sociedade, o “novo” tornou-se repetitivo. Enquanto isso, os avanços tecnológicos dos meios de comunicação e a própria vida cotidiana na “sociedade do espetáculo” habituaram o público a um consumo rápido e caótico de informações, em tudo diverso da concentração e da lentidão exigidas pela leitura do texto literário. Os efeitos dessa situação no ensino da literatura têm sido devastadores. Seduzidos pelas novas ofertas da informática e dos meios de comunicação de massa, e na esperança de captar o interesse dos alunos, muitos professores de literatura têm tentando assimilá-las em suas aulas. Ora, a única maneira de aderir a essa nova situação é abandonar de vez tudo do que justificava o ensino anterior da literatura, desde o mais elementar: o livro, a leitura solitária, seletiva e reflexiva. (2000, p. 346)

O ensino da literatura acompanha a sua época e a sociedade direciona não só o seu conceito, mas também a sua transmissão.

Seu prestígio decorria, então, de uma determinada concepção da cultura, que implicava a estima consensual pelas humanidades e a valorização da tradição escrita. Essa tradição estava sacramentada num cânone, fundamentado em determinados cânones, fundamentado em determinados valores, o qual orientava a organização dos programas e dos manuais escolares. (2000, p. 345).

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

Diante das reflexões da crítica literária, Leyla Perrone-Moisés, nota-se que a literatura enfrenta atualmente dois sérios problemas em sua transmissão: primeiro é a de sua situação incerta, pois a literatura não se encontra firme em seus princípios e fundamentos, isto é, está inserida em tendências que surgem para explicar os comportamentos, sempre mutáveis, da sociedade. De acordo com a autora;

(...) “as obras literárias foram afogadas na enxurrada dos “estudos culturais”, que têm pouco de estudo e pouco de cultural, por recorrerem a um ecletismo cujo valor é indeterminado. O resultado dessa tendência foi nocivo para os estudos literários, porque redundou no questionamento dos valores estéticos e cognitivos das obras e no nivelamento da prática literária com outras práticas culturais, dentro das quais ela perde sua especificidade e até mesmo sua legitimidade”. (2000, p. 346)

Além disso, em segundo lugar, a leitura de textos literários enfrenta a indústria cultural. A idéia da leitura concentrada e lenta não combina com o atual contexto sócio-cultural.

Hoje a leitura do hipertexto, da imagem e da simultaneidade é uma realidade que confronta com a leitura tradicional deixando-a frágil e vulnerável ao descaso, principalmente a leitura de textos literários. Seguir essas tendências de estudo baseando-se apenas no comportamento da sociedade pode desfigurar a essência do objeto estudado.

Nesse cenário, o texto literário - que traz o código de cada língua trabalhado no mais alto grau de excelência, por isso obra de arte, deixa de

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

atingir o seu objetivo de “organizadora da mente e refinadora da sensibilidade” (Antônio Candido, *Vários Escritos*, 1995) através de sua fruição, para desempenhar um objetivo que outros textos têm, o de informar e formar o homem em seu contexto.

As brechas abertas pela “desconstrução” foram aproveitadas por professores de literatura que não gostam de literatura, mas estão interessados em outras coisas: sociedade, ideologia, política, enfim, tudo o que, na literatura, aparece de forma indireta e refratada, e que agora se pretende atingir por meio dela, como se os textos literários fossem meros documentos e discursos referenciais. Reduzidas a essa condição de discurso entre outros, as obras literárias perderam qualquer privilégio com relação a outros tipos de texto. A própria noção de texto alargou-se para abrigar até mesmo as manifestações verbais. Desinteressados daquilo que é específico da prática literária, e numa atitude de complacência para com o meio ambiente, muitos professores de literatura passaram a cuidar de manifestações paraliterárias da comunicação de massa. Evidentemente, todas essas manifestações merecem estudo, mas o problema é que elas começaram a tomar o lugar antes ocupado pelos textos literários nos currículos e nas aulas. (PERRONE-MOISÉS, p. 348).

A fruição que o texto literário proporciona para o leitor e a capacidade que a obra tem de refinar o homem, tanto estão nas obras canônicas como nas menos consagradas. De acordo com Leyla Perrone-Moisés:

Mais grave do que isso, para o ensino da literatura, foi o questionamento do cânone ocidental em nome do “politicamente correto”, que resultou em censuras e exclusões nos currículos escolares. Ora, mesmo quando não assume esse aspecto inquisitorial (puritano) que assumiu nos Estados Unidos, a reformulação dos currículos, à luz das questões ideológicas atuais, resulta em abrir espaços para a inclusão de representantes de classes, etnias e gêneros sexuais particulares, empurrando para fora (tanto em função do princípio da escolha como em função da simples falta de tempo no calendário escolar) as obras menos exemplares para essas posições ideológicas, isto é, aquelas que “não passam de obras de arte” ou, pior, aquelas que se propõem como arte, atividade considerada pelos “culturalistas” como idealista, eurocêntrica, anacrônica e ideologicamente suspeita. (2000. p. 349)

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

O estudo de literatura deve valorizar as obras que são, essencialmente, textos artísticos, uma vez que essas, além de serem consagradas nacional e internacionalmente, servem como referência para outros textos literários.

O termo (do grego, “kanon”, espécie de vara de medir) entrou para as línguas românicas com o sentido de “norma” ou “lei”. Durante os primórdios da cristandade, teólogos o utilizaram para selecionar aqueles autores e textos da Bíblia os que não se prestavam para disseminar as “verdades” que deveriam ser incorporadas ao livro sagrado e pregadas aos seguidores da fé cristã. (1992, p. 70)

Porém, não se deve excluir dos currículos de obras literárias que não fazem parte do cânon, até por que se sabe que a escolha é ideológica. A exclusão de obras menos consagradas pode levar o aluno a uma concepção equivocada da literatura. Ele pode, por exemplo, acreditar que a literatura já aconteceu e que, portanto, resta apenas conhecê-la e estudá-la. Nesse contexto de ensino, a literatura está estagnada e completa e reforça a idéia de que a palavra trabalhada criativa e artisticamente só foi concebida no passado.

Sabe-se que a literatura contribui para a cultura do homem e que através dela é possível refiná-lo. Assim, se o jovem necessita de cultura, é responsabilidade do professor transmiti-la, segundo Leyla Perrone-Moisés.

Ora, a abolição pura e simples dos repertórios culturais só pode resultar em descultura, e a descultura não necessita do apoio das instituições de ensino. Os jovens não precisam ser introduzidos na descultura global; estamos todos imersos nela. Aquilo de que os jovens precisam é de cultura, a qual é sempre conhecimento de uma tradição, condição mínima até mesmo para a contestar e

ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

renovar. E o acesso dos jovens à cultura é uma responsabilidade dos professores (afirmação ou óbvia, ou antiquada, segundo o ponto de vista) (2000, p. 350).

Através do ensino da leitura literária dá-se a continuidade da própria literatura e o cultivo da riqueza lingüística; se não for assim, corre-se o risco de um futuro empobrecido de cultura. Para que esse ensino seja garantido, o professor de literatura precisa acreditar “nas virtudes da literatura”, pois só assim o ensino ganhará credibilidade.

Como foi citado anteriormente, a dinamicidade da vida moderna exige leituras rápidas e fragmentadas e, nesse contexto, a leitura de textos literários perde terreno. A intervenção do professor de literatura, juntamente com o material didático, é fundamental nesse processo de transmissão do ensino de literatura.

O desafio torna-se maior e o esforço quase que braçal, pois tal profissional tem como seu maior inimigo o contexto social. Enfrentar esse desafio implica diretamente em recusar alguns ditames da vida moderna como o consumismo inútil, o descartável, a negação dos valores e, conseqüentemente, a anulação da tradição.

A literatura tem uma essência que não pode se perder nos padrões da moda e nem tampouco ser confundida com o contexto de cada época. Resgatar essa essência é fundamental, pois a continuidade de sua

transmissão e sua importância na sociedade depende, justamente, da forma como ela é transmitida.

A literatura tem uma essência que não pode se perder nos padrões da moda e nem tampouco ser confundida com o contexto de cada época. Resgatar essa essência é fundamental, pois a continuidade de sua transmissão e sua importância na sociedade depende, justamente, da forma como ela é transmitida.

Tanto o professor de literatura quanto o material didático tornam-se responsáveis pela imagem do texto literário. Se o professor for incapaz de ver na literatura as virtudes que contribuem para a formação do homem e/ou incapaz de acreditar que através da fruição da arte o homem torna-se humanizado – conforme disse Antônio Candido; e, se o material didático não apresentar a literatura como objeto vivo e atuante na sociedade, o jovem deixará de atribuir à arte literária seu valor incontestável. Diante desta desvalorização, o estudo da literatura estará fadado a tornar-se ultrapassado e obsoleto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, por sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário [...] Verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os sabores, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ela permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovizionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro: a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. (BARTHES. 1980, pp. 23-24).

A presente pesquisa discutiu o ensino de literatura no material didático do ensino médio e confrontou tal ensino à luz dos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN's) que tem como objetivo direcionar o currículo escolar e primar pela qualidade de sua transmissão.

A retomada do conceito de literatura e da sua função na sociedade fez-se necessária antes da apresentação do material didático, pois a intenção foi apontar como esse material pedagógico revela a literatura para o aluno.

As dificuldades são muitas em sua transmissão; o despreparo do professor, o contexto social da vida moderna que exige o conhecimento utilitário – aquele que sempre espera algo material em troca -, a escolha e a utilização de um material didático que não valoriza a informação e formação do aluno, nesse caso as apostilas que cada vez mais são adotadas nas escolas, etc., mas a literatura é um objeto concreto que está presente entre nós e age em nós. Marisa Lajolo disse sobre a sua concretude desse objeto:

“...a literatura existe. Ela é lida, vendida, estudada. Ela ocupa prateleiras de bibliotecas, colunas de estatísticas, horários de aula. Fala-se dela nos jornais e na TV. Ela tem suas instituições, seus ritos, seus heróis, seus conflitos, suas exigências. Ela é vivida cotidianamente pelo homem civilizado e contemporâneo como uma experiência específica, que não se assemelha a nenhuma outra”. (ESCARPIT apud LAJOLO, 1995, p.9)¹⁴

¹⁴ ESCARPIT, R. *Le littéraire et le social*. Paris, 1970.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização deste objeto estudado e à constante divulgação de seu valor para o ser humano e, conseqüentemente, para a sociedade ajuda no processo de ensino/aprendizagem, assegurando, assim, a continuidade desse processo para as gerações futuras.

A áurea que envolve a literatura não pode deixar de existir por conseqüência de um ensino ineficiente, seja por culpa do professor despreparado ou do material inadequado. Não só a literatura enfrenta o perigo de extinção dentro do mundo globalizado, mas qualquer manifestação que prega valores e formação do homem.

A luta não se trava mais entre concepções diferentes de cultura, entre a cultura e a contracultura, alta cultura e cultura de massa, mas entre a cultura e a descultura pura e simples. (PERRONE-MOISÉS, 2003, p. 203).

O processo contemporâneo que cultua a descultura não contribui para a aguçar e estimular a valorização da formação refinada do homem, portanto, ainda segundo Leyla Perrone-Moisés;

A alta cultura, a criação desinteressada, ou interessada em ampliar o conhecimento e a experiência humana, em aguçar os meios de expressão, em despertar o senso crítico, em imaginar outra realidade, tudo isso está ameaçado de extinção. O cânone ocidental representa um papel aparentemente pequeno no contexto da sobrevivência humana, mas sua manutenção ou demolição, como a manutenção ou

CONSIDERAÇÕES FINAIS

a demolição de tábuas de valores de outras culturas, afetar^á certamente a qualidade de sobrevivência. (2003, p, 206).

Hoje, o jovem vive inserido num mundo que valoriza a descultura, e nesse contexto, a literatura não é valorizada. Cabe ao professor a responsabilidade de mostrar o valorar os textos literários para o aluno aprenda a valorizar a arte. Sobre essa questão do ensino da literatura, colocou Frank Kermode (apud Leyla Perrone-Moisés)¹⁵:

Os professores universitários podem ler o que quiserem, desconstruir ou neo-historiciar o que quiserem, mas dentro de uma sala de aula deveriam assumir honrosamente sua função de fazer com que as pessoas conheçam os livros suficientemente para saber o que, neles, é digno de amor. Se falharem nisso, quer porque desprezem a humildade da tarefa, quer porque eles mesmos não amam a literatura, eles são fracassos e fraudes. (2003, p. 208)

A literatura não pode ficar guardada em bibliotecas como objetos inacessíveis para o estudante, seja por dificuldade de acesso relacionada à composição lingüística, seja pelo conhecimento equivocado de que literatura é algo do passado.

Discussões sobre a literatura e o seu ensino contribuem para a reflexão da sua importância na formação do homem em sociedade e também

¹⁵ KERMODE, Frank. *Discusión*. Buenos Aires: Emecé, 1964 1ª ed.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

como indivíduo inserido nesse contexto social. Estimular a valorização da arte escrita e despertar o prazer pelo conhecimento e leitura de obras que prezam pela qualidade dessa arte, fortalece o ensino da literatura e garante novos leitores e escritores.

Assim, tanto o professor quanto o material didático devem contribuir para que a apresentação da matéria seja clara e revele objetivos para o aluno, ou seja, o aluno precisa saber o que está estudando e para que serve aquele conhecimento em sua vida.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Emília et al. *Novas palavras*. São Paulo: FTD, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond De. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Record, 2000.

ARISTÓTELES. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BAKHTIN, Mikail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Unesp, 1988.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 25ª ed.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994. 33ª. Edição.

_____. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 2004. 7ª ed.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. MEC/SEMTEC. PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 2002.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antônio et all. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000.

_____. *Vários escritos*. 3ª. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARPEAUX, Otto. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

CATÁLOGO DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DO ENSINO MÉDIO. Ministério da Educação. Brasília, 2002.

CEREJA, William Roberto.; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português linguagens*. São Paulo: Atual, 2004.

COUTINHO, Afrânio. *O ensino de literatura*. Rio de Janeiro: A Noite, 1950.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. Trad.: Waldemir Dutra. 2ª ed.

INFANTE, Ulisses. *Textos: Leituras e escritas*. São Paulo: Scipione, 2000.

ISER, Wolfgang. *Ética e estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JOBIM, José Luis (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura?* São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *O vestibular e o ensino de literatura*. São Paulo, 1986.
Disponível em www.unicamp.br/iel/memorial/ensaios. Acesso em 15/05/2005.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A literatura rarefeita. livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LINS, Osman. *Do ideal e da glória*. São Paulo: Summus, 1977.

MACHADO, José Leon. *O ensino de literatura*. São Paulo: Letras & Letras. 1992. Disponível em www.ipn.pt/literatura/letras. Acesso em 15/05/2005.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 13ª edição. 2004.

PEREIRA, Helena Bonito; PELACHIN, Márcia Maisa. *Português na trama do texto*. São Paulo: FTD, 2004.

PERISSÉ, Gabriel. *Filosofia, ética e literatura: uma proposta pedagógica*. São Paulo: Manole, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Flores da escrivainha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

POUND, Ezra. *Abc da literatura*. São Paulo: Cultrix, 2003.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Pós-modernismo e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.

RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Edusp, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Saganara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1988.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária no século XX*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

WARREN, Austin; WELLEK, René. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WILLER, Cláudio. *Em defesa da literatura*. São Paulo: Agulha – Revista de Cultura, 2002. Disponível em www.revista.agulha.nom.br/. Acesso em: 15/05/2005.

ANEXOS

ANEXO A

Apresentação

A AVALIAÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

O Ministério da Educação distribui, desde 1985, livros didáticos aos alunos matriculados no ensino fundamental da rede pública. Em sua proposta inicial, o Programa Nacional do Livro Didático/PNLD previa, apenas, a escolha dos livros pelo professor, com a consequente distribuição pelo MEC.

A partir de 1993, evidenciou-se a necessidade de uma análise do material distribuído, com vistas a garantir a qualidade desses livros e, por conseguinte, a qualidade do ensino nas escolas públicas brasileiras.

Em 1995, pela primeira vez, os professores passaram a escolher seus livros com base em análises elaboradas por especialistas nas diversas áreas do conhecimento – Matemática, Ciências, Estudos Sociais (que conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi desmembrado em Geografia e História, Língua Portuguesa e livros de Alfabetização) - e publicadas sob a forma de resenhas, no Guia de Livros Didáticos. Posteriormente, a partir do PNLD/2001, o MEC passou a avaliar e a distribuir dicionários de Língua Portuguesa aos alunos do ensino fundamental, como forma de fornecer a esses alunos um instrumento de leitura e escrita voltado para a ampliação do repertório lingüístico e para o desenvolvimento da autonomia no que se refere à busca de novos conhecimentos.

A avaliação das obras didáticas pelo PNLD teve reflexos importantes na escola e no mercado editorial. A análise dos dados referentes à escolha dos livros pelos professores mostra que a escolha inicialmente recaía sobre os livros menos qualificados e, posteriormente, passou a incidir sobre os mais bem qualificados, apontando o comprometimento dos professores e da escola com a qualidade do material didático oferecido ao aluno.

O mercado editorial também passou por alterações bastante positivas, e a mais significativa delas é a melhoria da qualidade do material enviado para a avaliação. Essa melhoria pôde ser verificada pelo aumento de coleções e de livros recomendados e a redução de obras excluídas. Evidenciou-se, também, uma renovação da produção didática brasileira, isto é, a inclusão de novas obras para avaliação.

O impacto positivo do PNLD levou o MEC à ampliação das ações de avaliação e de distribuição de livros didáticos para o ensino médio. Essa iniciativa vem aumentar ainda mais a discussão que se estabelece desde o início das avaliações acerca do papel do livro didático na escola, suas implicações pedagógicas, os critérios de avaliação para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade em sala de aula e a importância de uma escolha consciente e autônoma por parte dos professores.

A avaliação dos livros do ensino médio tem em comum com o ensino fundamental a visão de que, sendo o livro didático uma importante ferramenta para professores e alunos, ele deve ter características que permitam sua utilização em diferentes contextos e realidades.

Para tanto, é necessário contar com um material de apoio diversificado, flexível e abrangente. Em momento algum o livro será um substituto do professor ou de suas experiências pedagógicas, mas poderá ser um bom referencial para ampliar os trabalhos em sala de aula.

Fig. 2 – Catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio – Critérios Comuns 2004, p. 8.

ANEXO B

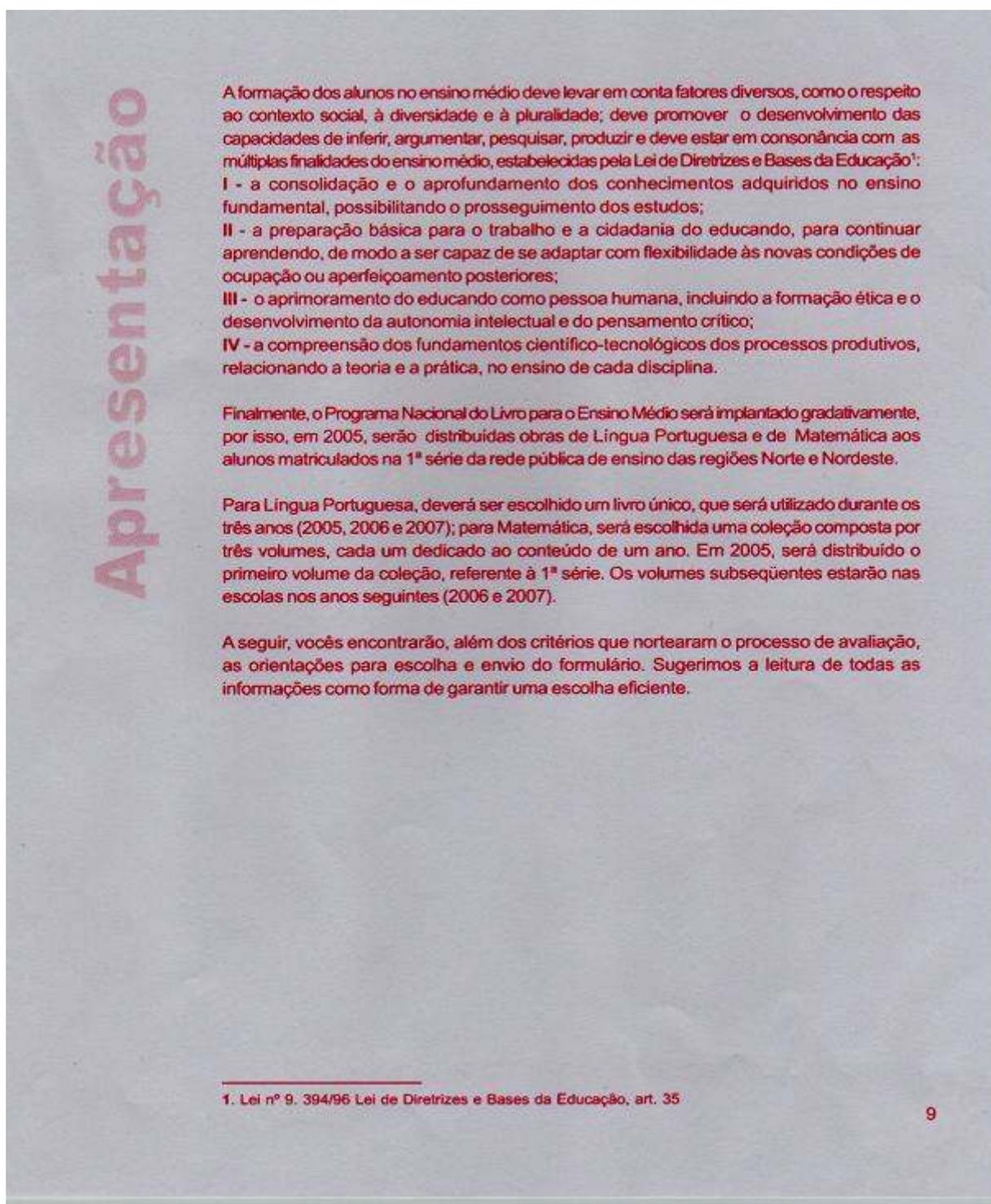


Fig. 3 – Catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio – Critérios Comuns 2004, p. 9.

ANEXO C

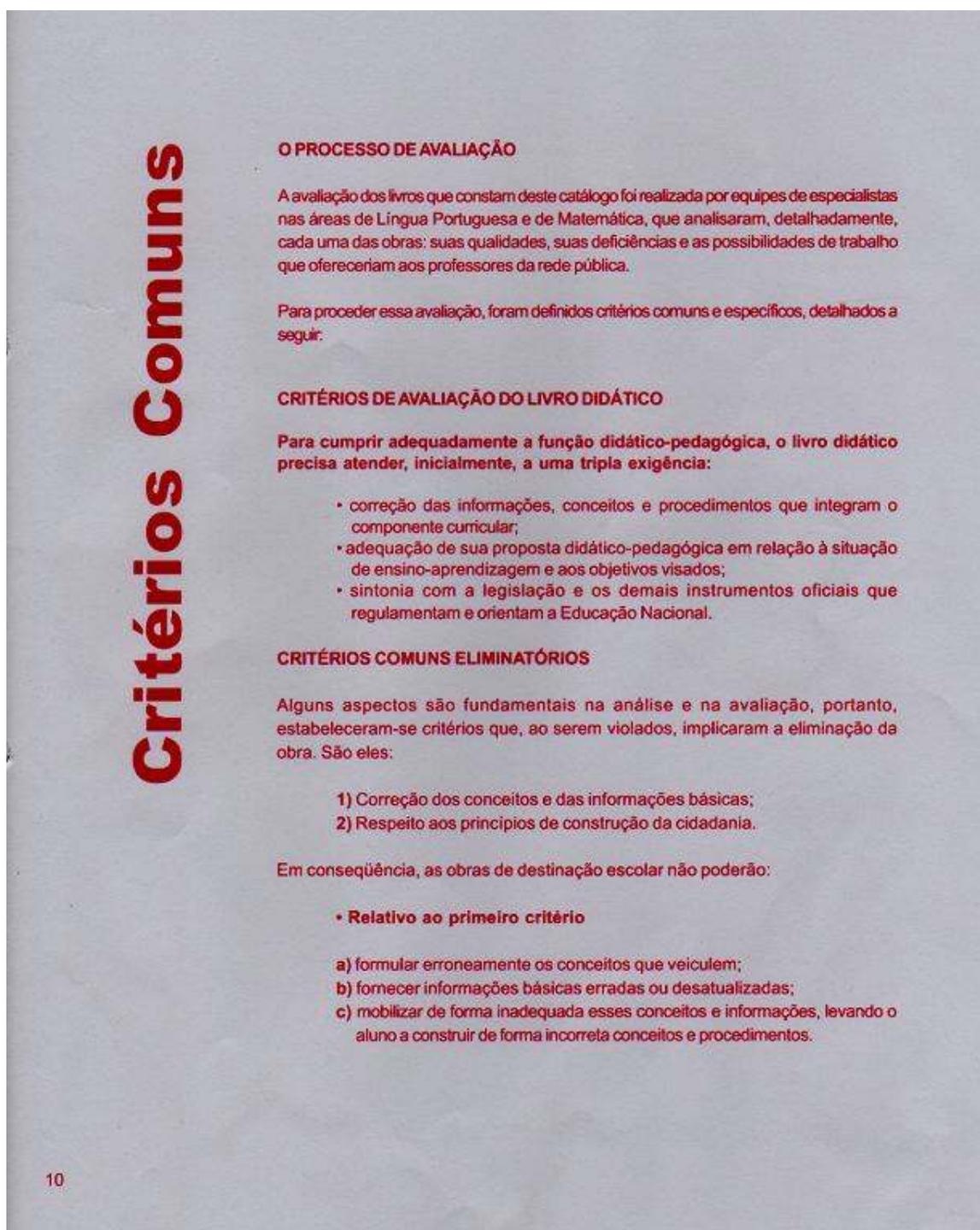


Fig. 4 – Catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio – Critérios Comuns 2004, p. 10.

ANEXO D

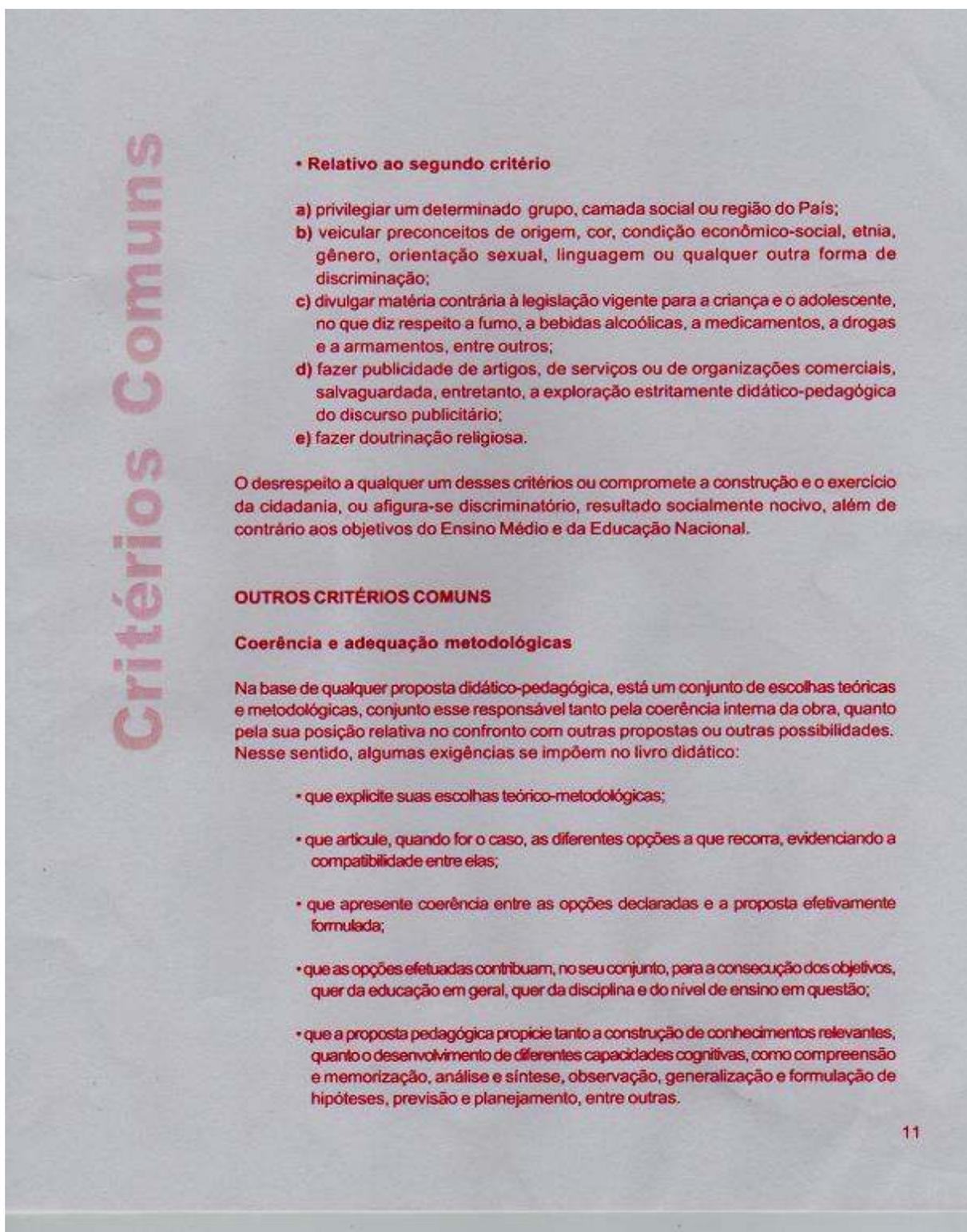
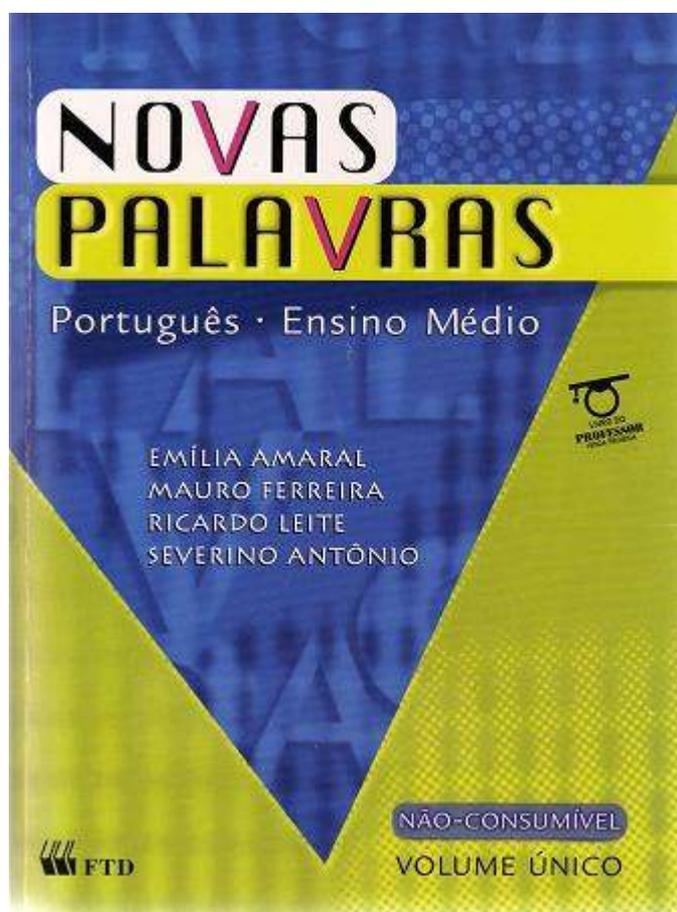


Fig. 5 – Catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio – Critérios Comuns 2004, p. 11.

ANEXO E

***Novas Palavras******Português***

Emília Amaral
Mauro Ferreira
Ricardo Leite
Severino Antônio

Editora FTD S/A

Fig. 6 – Ilustração da capa do Livro 1 (AMARAL, Emília et al. *Novas Palavras*. São Paulo: FTD, 2003) , conforme

Catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio – Resenhas de Língua Portuguesa. 2004, p. 29.

ANEXO F

O que é a literatura?

A arte da literatura existe há alguns milênios. Entretanto, sua natureza e suas funções continuam objeto de discussão principalmente para os artistas, seus criadores, como vimos na crônica de Mário Quintana.

A literatura, como qualquer outra arte, é uma criação humana, por isso sua definição constitui uma tarefa tão difícil.

O homem, como ser histórico, tem anseios, necessidades e valores que se modificam constantemente. Suas criações — entre elas a literatura — refletem seu modo de ver a vida e de estar no mundo. Assim, ao longo da História, a literatura foi concebida de diferentes maneiras. Mesmo os limites entre o que é e o que não é literatura variaram com o tempo.



Atualmente, não é comum incluir uma obra historiográfica ou um sermão religioso na arte literária. No entanto, estudaremos neste livro as crônicas de um historiador, Fernão Lopes, como uma das principais manifestações literárias do século XV. O mesmo ocorrerá com os sermões do Pe. Antônio Vieira em relação ao Barroco do século XVII.

Tentemos, portanto, a definição mais abrangente possível, que atenda à concepção da literatura em nosso tempo:

Literatura é a arte que utiliza a palavra como matéria-prima de suas criações.

A história da literatura

Como todas as outras artes, a literatura reflete as relações do homem com o mundo e com os seus semelhantes. Na medida em que essas relações se transformam historicamente, a literatura também se transforma, pois que sensível às peculiaridades de cada época, aos modos de encarar a vida, de problematizar a existência, de questionar a realidade, de organizar a convivência social etc.

Por isso, as obras de um determinado período histórico, ainda que se diferenciem umas das outras, possuem certas características comuns que as identificam. Essas características dizem respeito tanto à mentalidade predominante na época quanto às formas, às convenções e às técnicas expressivas utilizadas pelos autores.

Chamamos de **escolas literárias** os grandes conjuntos em que costumamos dividir a história da literatura. Essa divisão tem uma função sobretudo didática, ajudando-nos a compreender as transformações da arte literária ao longo do tempo.

A história da literatura portuguesa divide-se em três grandes períodos:

- Era Medieval: do final do século XII ao século XV;
- Era Clássica: do século XVI ao século XVIII;
- Era Romântica: do século XIX até hoje.

Já a literatura brasileira possui apenas os dois últimos, mais especificamente denominados:

- Era Colonial e
- Era Nacional.

ANEXO G

Literatura e realidade

Como vimos, a obra literária, utilizando a palavra, recria a realidade, a vida. Essa definição focaliza dois aspectos opostos, mas complementares, da arte literária: criação e representação.

Por um lado ela é **invenção**. O autor cria uma realidade imaginária, fictícia. Mas o universo da **ficção** mantém relações vivas com o mundo real. Nesse sentido, a literatura é **imitação da realidade**.

Freqüentemente os autores utilizam fatos de suas vidas como matéria de literatura. São as chamadas obras confessoriais. Mesmo nesses casos, não devemos entender os textos como simples biografias. Os fatos pessoais são apenas parte da matéria literária, o ponto de partida. Entre o que o autor viveu ou sentiu e a obra existem todas as mediações da invenção, da imaginação. Existe, sobretudo, o trabalho criativo com a palavra, que pode ser em **versos** ou em **prosa**.

FIÇÃO – ato ou efeito de fingir, simulação, fingimento, coisa imaginária, fantasia, invenção.

PROSA – discurso que reproduz a maneira natural de falar sem métrica, ao contrário do verso.

VERSO – unidade rítmica e melódica do poema. Graficamente, é cada uma das linhas do poema. Costuma-se dizer que, enquanto o verso é o contenedor rítmico do poema, o parágrafo é o ordenador lógico da prosa.

O verso, unidade rítmica e melódica do poema, pode ser:

- **metrificado**: quando o poeta estabelece uma medida em número de sílabas;

- **livre**: quando a medida é totalmente arbitrária.

Os versos também podem ser:

- **regulares**: quando o poeta determina um certo ritmo com sílabas tônicas e rimas a intervalos iguais;

- **brancos**: quando não apresentam rimas.

Funções da literatura

Para Quintana, a “necessidade de recriação das coisas em imagens” é um mistério. Por que o homem tem tal necessidade da poesia e da ficção, que vem, incansavelmente, há milênios, produzindo e lendo obras literárias?

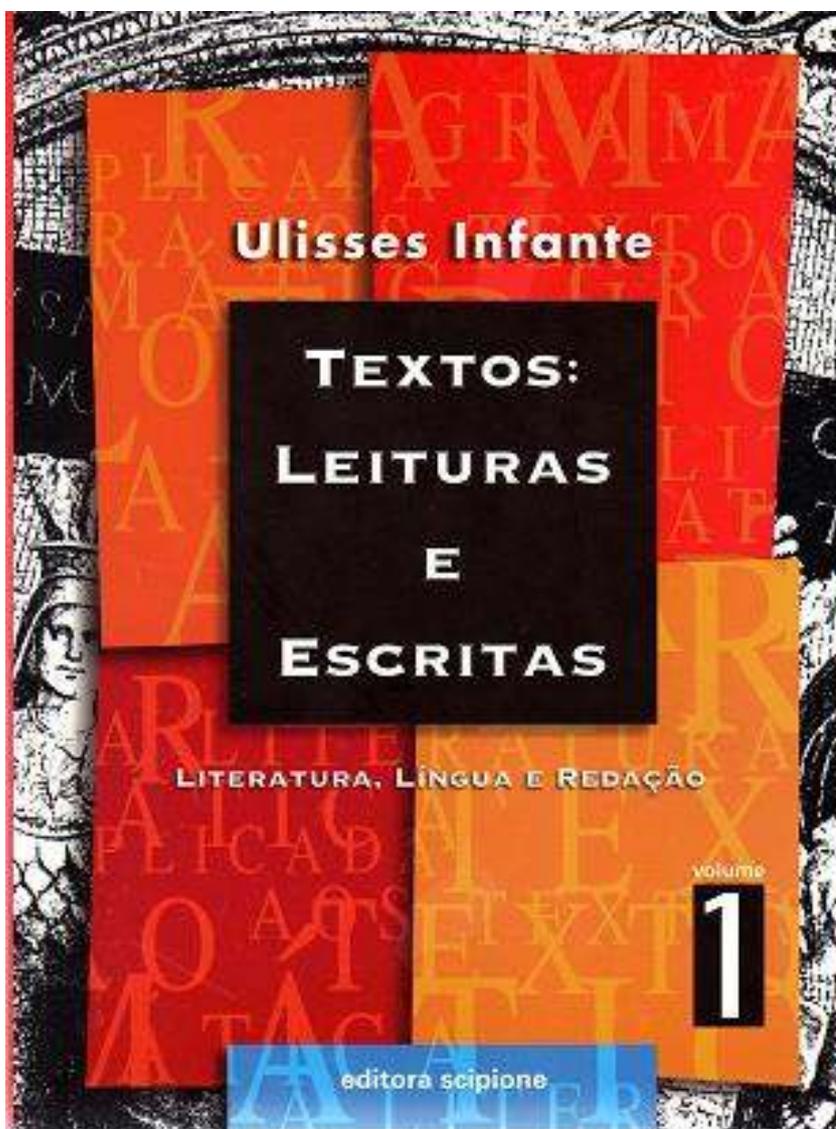
Para que serve a arte? Para que serve a literatura?

As respostas a essas perguntas variam com o tempo e com as pessoas. Evidentemente, a função de uma obra literária depende dos objetivos e das intenções do autor. Mas os leitores também têm maneiras diferentes de ler e são levados a abrir um livro por motivos diferentes. Alguns buscam na literatura apenas um divertimento sem grandes conseqüências para a vida; outros, um instrumento de transformação e de aperfeiçoamento. Uns consideram a obra literária apenas um artefato estético, criado para a contemplação da beleza; já outros esperam que seja um veículo de análise e de crítica em relação à sociedade e à vida.

- A obra literária pode ser um **instrumento de fuga da realidade**. Qualquer leitura que se faz como distração possui essa mesma **função evasiva**. Ao lermos, por exemplo, uma história de aventuras, fugimos de nossa vidinha monótona, sempre igual, e embarcamos em um navio pirata, lutamos ao lado de um super-herói, amamos belas mulheres... sonhamos.
- Certas épocas literárias são marcadas pela importância que os autores atribuem à perfeição formal de suas obras. Os temas passam para um segundo plano, só interessando a beleza estética. Quando isso ocorre, a literatura **aliena-se** da realidade. É o que chamamos de **arte pela arte**, característica freqüentemente encontrada, por exemplo, no Parnasianismo, movimento literário do final do século XIX.
- O oposto da arte pela arte é a **literatura engajada**, de autores comprometidos com a defesa de idéias políticas, filosóficas ou religiosas. Quando limitam o trabalho criativo à retórica de convencimento, a obra reduz-se a um panfleto, mero instrumento de propaganda.

Fig 8 - AMARAL, Emília et al. *Novas Palavras*. São Paulo: FTD, 2003, p. 16.

ANEXO H



***Textos: Leitura e
Escritas***

Autor: Ulisses Infante

Editora: Scipione

Fig. 9 – Ilustração da capa do Livro 2 (INFANTE, Ulisses. *Textos: Leituras e Escritas*. São Paulo: Scipione, 2000), conforme Catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio – Resenhas de Língua Portuguesa. 2004, p. 64.

ANEXO I

Para ler a literatura

A literatura

Uma das definições de **literatura** oferecidas pelo dicionário *Aurélio* é "arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso". Se você resolver investigá-la de forma mais profunda, poderá elaborar uma série de perguntas:

- O que é uma arte?
- O que significa "compor" nessa frase?
- O que são "trabalhos artísticos"?
- O que é "prosa"?
- O que é "verso"?

Num segundo momento, poderá fazer outras indagações:

- A literatura é importante?
- Há algum proveito em estudá-la?
- Como devo estudá-la?

Em nosso livro, vamos analisar questões como essas e, principalmente, aprender a nos relacionar com a literatura, para extrair dela o que tem de melhor e mais prazeroso.

Leia com atenção o texto seguinte e responda às perguntas propostas.

Texto literário, texto não-literário

Domício Proença Filho

Imaginemos que, na comunicação cotidiana, alguém nos diga a seguinte frase:

- *Uma flor nasceu no chão da minha rua!*

Conforme as circunstâncias em que é dita, isto é, de acordo com a *situação de fala*, entendemos que se refere a algo que realmente ocorreu, corresponde a um fato anterior ao seu enunciado e de fácil comprovação. Mesmo diante de sua transcrição escrita, o que nela se comunica basicamente permanece.

Num ou noutro caso, para trazer essa informação, o nosso interlocutor selecionou uma série de palavras do idioma que nos é comum e, de acordo com as regras que presidem o seu funcionamento e que todos conhecemos, as dispôs numa seqüência. A seleção feita e a sucessão estabelecida conferem à frase uma significação que pode ser submetida à prova da verdade em relação à realidade imediata. Como é fácil concluir, é isso que acontece ao nos comunicarmos no dia-a-dia do nosso convívio social.

Retornemos a nossa frase inicial, agora ligeiramente modificada e combinada com outros elementos:

Fig. 10 - INFANTE, Ulisses. *Textos: Leituras e Escritas*. São Paulo: Scipione, 2000, p. 28

ANEXO J

A literatura

Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rios de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralise os negócios,
 garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
 Suas pétalas não se abrem.
 Seu nome não está nos livros.
 É feia. Mas é realmente uma flor.

Percebemos, desde logo, que estamos diante de uma utilização especial da língua que falamos. O ritmo que caracteriza o texto, a natureza do que se comunica e, ao chegar até nós por escrito, a distribuição das palavras no espaço do papel justificam essa conclusão. A nossa frase-exemplo depende também, como ato lingüístico que é, da gesticulação e da entoação que a acompanham ao ser enunciada; por força, entretanto, de sua situação nesse conjunto e de associação com as demais afirmações que a ela se vinculam, abre-se para um sentido múltiplo, ganha marcas de ambigüidade: no contexto do fragmento transcrito e da totalidade do poema de que faz parte – “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade – podemos entender essa flor como esperança de mudança, por exemplo. Mas esse sentido que o texto a ela confere não reproduz nenhuma realidade imediata; nasce tão-somente do



próprio texto. A flor *dessa* rua deixa de ser um elemento vegetal para alçar-se à condição de símbolo, ganha uma significação que vai além do real concreto e que passa a existir em função do conjunto em que a palavra se encontra. É claro que os versos remetem a uma realidade dos homens e do mundo, mas muito mais profunda do que a realidade imediatamente perceptível e traduzida no discurso comum das pessoas. É o que acontece com essa modalidade de linguagem, a linguagem da literatura, tanto na prosa, como nas manifestações em verso.

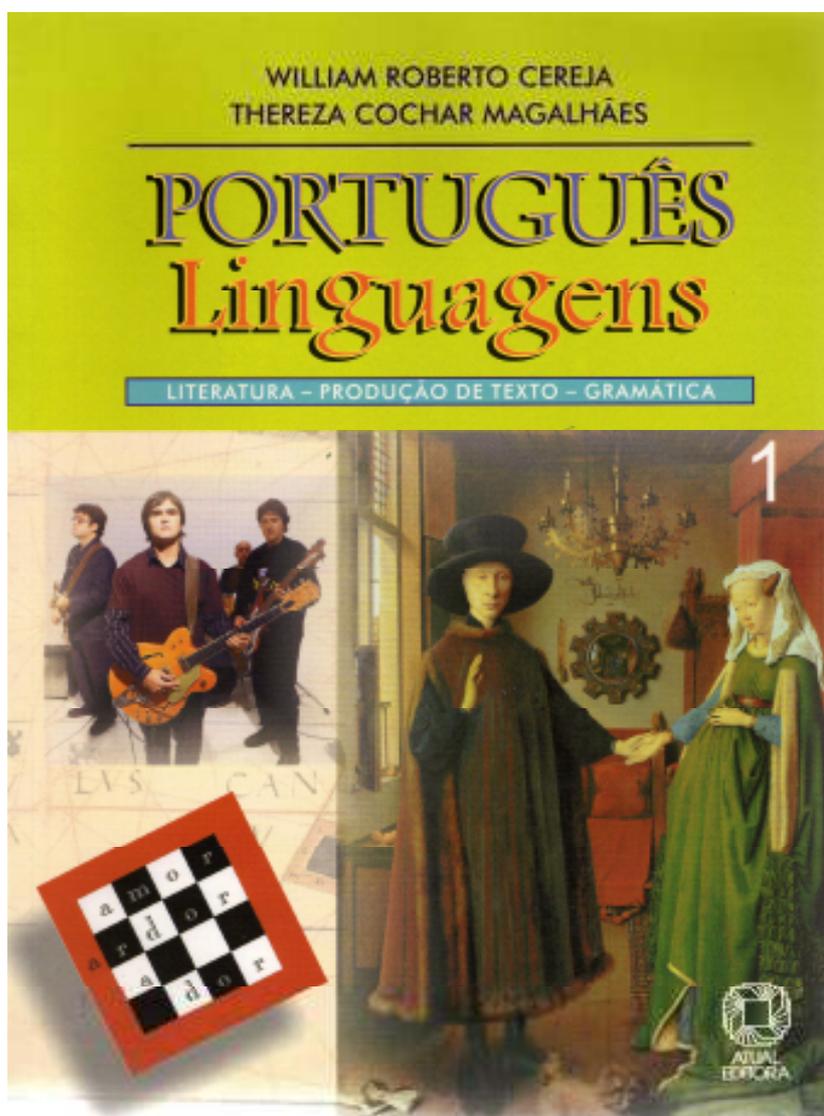
PROENÇA FILHO. *Domício. A linguagem literária.*
 São Paulo: Arca, 1986. p. 5-7.

Lendo o texto

- 1 O texto estabelece um contraste. Indique-o e aponte as duas partes nítidas em que o texto se divide para analisá-lo.
- 2 “Num e noutro caso...” Quais são os dois casos apontados na passagem transcrita?
- 3 “Como é fácil concluir, é **isso** que acontece ao nos comunicarmos no dia-a-dia do nosso convívio social.” A que se refere o pronome **isso** no trecho reproduzido?
- 4 “É o que acontece com essa modalidade de linguagem...” A que se refere o pronome destacado nesse fragmento?
- 5 Entre a primeira e a segunda forma de utilização, a palavra **flor** estabelece diferentes relações com a realidade imediata de quem a está empregando. Explique essas diferenças.
- 6 A partir dos elementos fornecidos pelo texto, explique o que diferencia a linguagem da literatura da linguagem da comunicação cotidiana.

Fig. 11 - INFANTE, Ulisses. *Textos: Leituras e Escritas*. São Paulo: Scipione, 2000, p. 29

ANEXO L

***Português Linguagens***

Autores:

William Roberto Cereja

Thereza Cochar Magalhães

Editora: Atual

Fig. 12 – – Ilustração da capa do Livro 3 (CEREJA, William Roberto.; MAGALHÃES Thereza Cochar. *Português Linguagens*. São Paulo: Atual, 2004), conforme

Catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino
Médio – Resenhas de Língua Portuguesa. 2004, p. 59.

ANEXO M

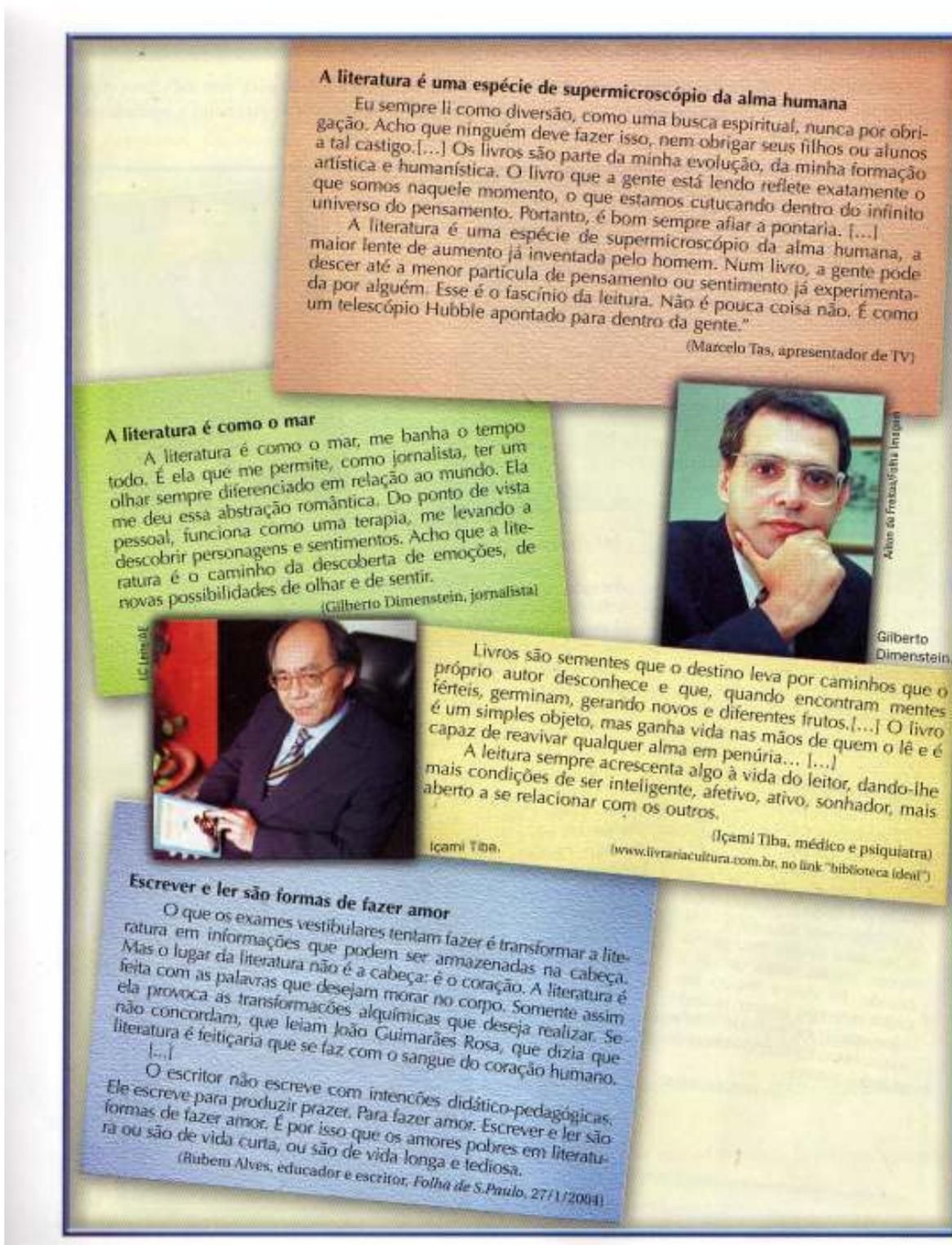


Fig. 13 - CEREJA, William Roberto.; MAGALHÃES Thereza Cochar. *Português Linguagens*. São Paulo: Atual, 2004, p. 30

ANEXO N

O caracol e a música
A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação anterior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Converte à viagem; regresso à terra natal. [...] Experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo [...].
(Octávio Paz, poeta e ensaísta mexicano)
(O arco e a lira. Trad. de Olga Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 15)

Um livro amigo é...
"... aquele que me impulsiona a ler cada vez mais". (Simone Spoladori, Alzira.)
"... aquele que a gente conhece na juventude e nos acompanha pela vida toda". (Marcelo Madureira, Humorista.)
"... aquele que, mesmo não sendo extraordinário, contribui para a formação de nossa concepção de mundo". (Sergio Paulo Roussier, Ensaísta.)
"... aquele que me faz ficar preso até a última página e que não me canso de revisitar". (Tony Ramos, Ator.)
"... aquele que nos enriquece e ao mesmo tempo nos dá prazer". (Italo Moriconi, Professor e organizador de antologias.)
(1996, 11/8/2004.)

Poesia: o pão de todos
A poesia não pode nem deve ser um luxo para alguns iniciados; é o pão cotidiano de todos, uma aventura simples e grandiosa do espírito.
(Murilo Mendes)

7. Você notou que, entre tantos depoimentos, não há um consenso sobre o que é literatura nem sobre qual é o papel dela. Para alguns, ela é um mergulho no desconhecido; para outros, um meio de obter conhecimento, salvação ou libertação; para outros, ainda, é um meio de entender a vida, compreender o mundo, transformar e humanizar a si mesmo, reavivar a alma ou amar. E para você, o que é literatura? Troque idéias com os colegas da classe, dê seu depoimento e ouça o deles.

2. Em vários dos depoimentos lidos, aparece a idéia de que a literatura cumpre o papel de apurar o espírito, refinar a sensibilidade, reavivar a alma, ou seja, de aprimorar o mundo interior do ser humano. Você concorda com essa idéia? Justifique sua resposta.

3. Entre os depoimentos, há o das pessoas que definem o que é para elas o "livro amigo". E para você, o que é um livro amigo? A exemplo dos autores dos textos lidos, escreva um pequeno texto no qual você relate sucintamente sua experiência com a leitura literária e o que ela tem representado para você. Quando terminar, leia o seu texto para os colegas e ouça o deles. Por fim, passe o texto a limpo e, sob a orientação do professor, junte seu texto ao de seus colegas e, juntos, criem um painel, que pode ter o título "Leitura literária: uma viagem sem retorno", ou outro que escolherem.

Fig. 14 - CEREJA, William Roberto.; MAGALHÃES Thereza Cochar. *Português Linguagens*. São Paulo: Atual, 2004, p. 31

ANEXO O

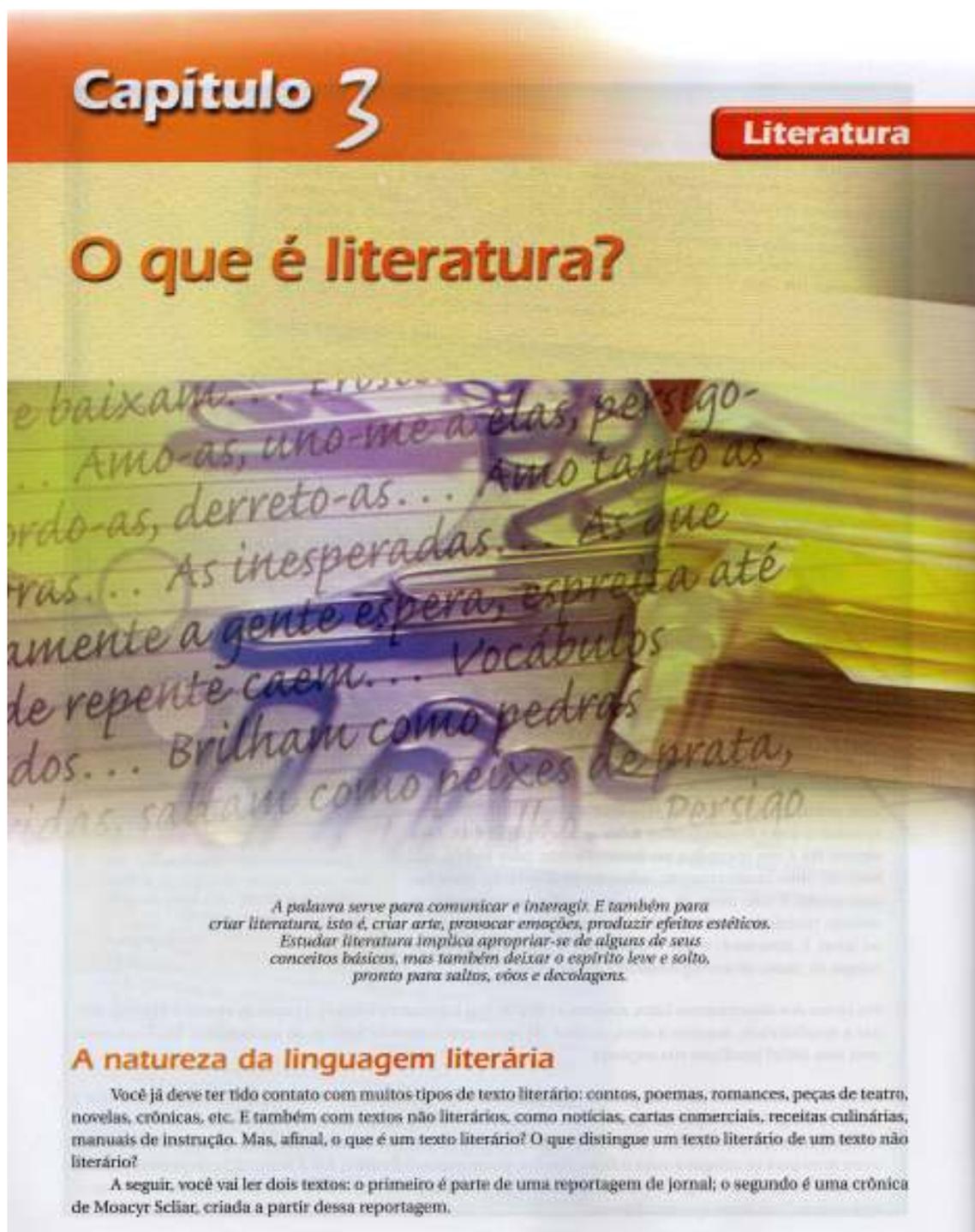


Fig. 15 - CEREJA, William Roberto.; MAGALHÃES Thereza Cochar. *Português Linguagens*. São Paulo: Atual, 2004, p. 32

ANEXO P

Leitura

TEXTO I

Dormir fora de casa pode ser tormento

MIRNA FEITOZA

A euforia de dormir na casa do amigo é tão comum entre algumas crianças quanto o pavor de outras de passar uma noite longe dos pais. E, ao contrário do que as famílias costumam imaginar, ter medo de dormir fora de casa não tem nada a ver com a idade. Assim como há crianças de três anos que tiram essas situações de letra, há pré-adolescentes que chegam a passar mal só de pensar na ideia de dormir fora, embora tenham vontade.

Os especialistas dizem que esse medo é comum. A diferença é que algumas crianças têm mais dificuldade para lidar com ele. "Para o adulto, dormir fora de casa pode parecer algo muito simples, mas, para a criança, não é, porque ela tem muitos rituais, sua vida é toda organizada, ela precisa sentir que tem controle da situação", explica o psicanalista infantil Bernardo Tanis, do Instituto Sedes Sapientiae. Dormir em outra casa significa deparar com outra realidade, outros costumes. "É um desafio para a criança, e novas situações geram ansiedade e angústia", afirma. [...]

(Folha de S. Paulo, 30/8/2001.)



TEXTO II

Tormento não tem idade

- Meu filho, aquele seu amigo, o Jorge, telefonou.
- O que é que ele queria?
- Convidou você para dormir na casa dele, amanhã.
- E o que é que você disse?
- Disse que não sabia, mas que achava que você iria aceitar o convite.
- Fez mal, mamãe. Você sabe que odeio dormir fora de casa.
- Mas, meu filho, o Jorge gosta tanto de você...
- Eu sei que ele gosta de mim. Mas eu não sou obrigado a dormir na casa dele por causa disso, sou?
- Claro que não. Mas...
- Mas o que, mamãe?
- Bem, quem decide é você. Mas, que seria bom você dormir lá, seria.
- Ah, é? E por quê?
- Bem, em primeiro lugar, o Jorge tem um quarto novo de hóspedes e queria estreitar com você. Ele disse que é um quarto muito lindo. Tem até tevê a cabo.
- Eu não gosto de tevê.
- O Jorge também disse que queria lhe mostrar uns desenhos que ele fez...
- Não estou interessado nos desenhos do Jorge.
- Bom, Mas tem mais uma coisa...
- O que é, mamãe?
- O Jorge tem uma irmã, você sabe. E a irmã do Jorge gosta muito de você. Ela mandou dizer que espera você lá.
- Não quero nada com a irmã do Jorge. É uma chata.
- Você vai fazer uma desfeita para a coitada...
- Não me importa. Assim ela aprende a não ser metida. De mais a mais você sabe que eu gosto da minha cama, do meu quarto. E, depois, teria de fazer uma mala com pijama, essas coisas...
- Eu faço a mala para você, meu filho. Eu arrumo suas coisas direitinho, você vai ver.
- Não, mamãe. Não insista, por favor. Você está me atormentando com isso. Bem, deixe eu lhe lembrar uma coisa, para terminar com essa discussão: amanhã eu não vou a lugar nenhum. Sabe por que, mamãe? Amanhã é meu aniversário. Você esqueceu?
- Esqueci mesmo. Desculpe, filho.
- Pois é. Amanhã estou fazendo 50 anos. E acho que quem faz 50 anos tem o direito de passar a noite em casa com sua mãe, não é verdade?

(Moacyr Scliar. *O Imaginário cotidiano*. São Paulo: Global, 2001. p. 173-4.)

Fig. 16 - CEREJA, William Roberto.; MAGALHÃES Thereza Cochar. *Português Linguagens*. São Paulo: Atual, 2004, p. 33

ANEXO Q

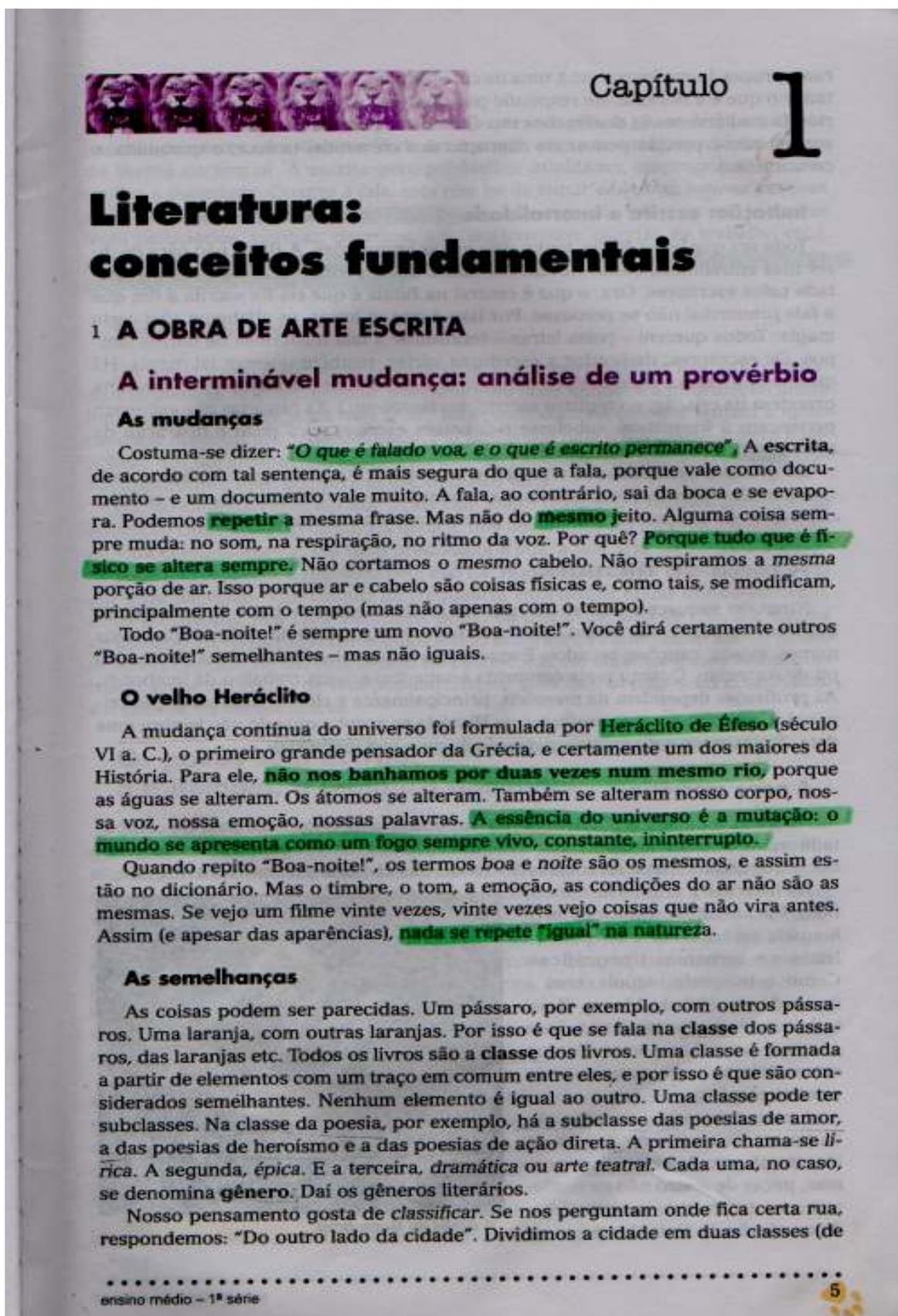


Fig. 17 - Anglo Ensino Médio – Apostila-caderno nº 3, 1ª Série. S.Paulo: Anglo, 2005, p. 5.

ANEXO R

ruas, praças, logradouros etc.), uma de cá, outra de lá. Quando perguntam ao plantador o que é a floresta, ele responde por divisões: a floresta possui [a classe dos] rios, [a das] árvores, [a dos] bichos etc. Quando se pensa dessa forma (e todos pensamos) não é preciso pensar na alteração dos elementos (a seca, a queimada, o crescimento).

Imitação: escrita e imortalidade

Toda vez que leio a *Bíblia*, tenho dela novas impressões. A *Bíblia* não pára de dizer (nas entrelinhas) coisas novas. Por causa dessa profundidade, ela é sempre imitada pelos escritores. Ora, o que é central na *Bíblia* é que ela foi escrita a fim que a fala *primordial* não se perdesse. Por isso é que as letras, os alfabetos, têm certa magia. Todos querem – pelas letras – reproduzir a fala misteriosa de outros tempos. Os escritores, dedicados a escrituras várias, também querem tal magia. Há mesmo entre eles a esperança de conquistar a eternidade (na memória do povo, na grandeza da criação, no registro escrito dos textos etc.). As histórias que escrevem pertencem à *literatura*, subclasse das coisas escritas para gozo e distração da alma (*littera*, em latim, era “letra”).

Os grandes escritores são chamados “imortais”. E não imitam só a *Bíblia*. Imitam também fatos da história humana, a ponto de confundirem fantasia e realidade; e fatos do passado, recuperáveis pela memória e pela imaginação.

A força da memória

Ninguém esquece como se acende um fósforo, como se bebe água, como se pega um ônibus. Essas coisas são repetidas e, portanto, óbvias. Mas esquecemos nomes, avisos, canções, recados. Esquecemos o que falamos. Por falta de emoção ou de interesse. Quanto mais comprida é uma frase, mais trabalho dá lembrá-la. As profissões dependem da memória, principalmente a clínica, a investigação criminal, a arte do teatro. O professor de História se acanha quando não lembra uma data. **E o escritor é o que mais depende de uma boa memória.**

A nova memória

No geral, a memória não tem hoje a importância de outros tempos. Os computadores, as cadernetas e agendas, as notificações e avisos se encarregam de guardar o que esquecemos. As sociedades modernas elaboram memórias artificiais.

Ao inventar a imprensa, Gutenberg iniciou uma revolução prolongada até hoje. Por meio dela, as letras se tornaram tipográficas. Como o telégrafo, depois, com a invenção do alfabeto Morse. Hoje, tudo tende ao informatizado. Essa é uma faca de dois gumes. Porque a memória humana genuína pode estar se atrofiando.

A mais expressiva contribuição da tipografia se deu no âmbito da literatura: grandes histórias, poemas, peças de teatro não se perderam por terem tido os benefícios da revolução de Gutenberg.



A Bíblia de Gutenberg.